



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE LICENCIATURA

KEVIN TORRES FERREIRA

**PAISAGENS PATRIMONIAIS DO BON ODORI NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA**

FORTALEZA

2021

KEVIN TORRES FERREIRA

PAISAGENS PATRIMONIAIS DO BON ODORI NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA

Trabalho de conclusão de curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys
Monteiro de Oliveira.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F441p Ferreira, Kevin Torres.
Paisagens patrimoniais do Bon Odori no contexto da educação geográfica / Kevin Torres Ferreira. – 2021.
92 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.
1. Paisagens culturais. 2. Patrimônio cultural. 3. Bon Odori. 4. Nipo-brasileiro. 5. Exercícios imagéticos.
I. Título.

CDD 910

KEVIN TORRES FERREIRA

PAISAGENS PATRIMONIAIS DO BON ODORI NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA

Trabalho de conclusão de curso (Monografia)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Geografia.

Aprovada em: 30/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Marcos da Silva Rocha
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Laura Tey Iwakami
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Em memória de meus avós, Osmar Viana, Raimundo Vieira e Maria Neide
Obrigado pelo “Deus te abençoe” nas entradas e saídas
Que vosso legado continue sendo honrado.

AGRADECIMENTOS

A Ele que criou todas as coisas, que me sustenta nos montes e nos vales, que prometeu estar presente todos os dias e faz a vida acontecer em sua plenitude.

Aos meus pais, Antônio Geomar e Cassiana Torres, que independente das dificuldades investiram na educação de seus filhos.

Aos meus avós, Luzia Albuquerque, Maria Neide (*in memorian*), Raimundo Vieira (*in memorian*) e Osmar Viana (*in memorian*).

À minha irmã Marjorye Torres e meu cunhado Jeziel Duarte.

Aos meus amigos Gabriel Rodrigues, Carolina Castro, Ytalo Lemos, Matheus Souza, Emanuele Beserra, Lucas Lima e Renato Rocha.

Aos meus companheiros de jornada na UFC: Karolayne Silva, Crislane Nascimento, Paulo Henrique, Tiago de Amorim, Victor Reis e Carlos Eduardo. As aulas de campo e os cafés na cantina da Geologia foram ainda melhores com eles.

A Marcílio Batista, Felipe Rodrigues, Gerlaine Cristina e Sílvia Heleny, amados e amadas que não dispensaram conversas e conselhos.

Ao Anderson Camilo, irmão que mesmo à distância sempre me ajudou.

A Márcia Cristina, professora tão querida e inspiradora.

A Marcos Rocha, professor e amigo que tantas vezes me ajudou nos percursos dos trabalhos acadêmicos.

A Christian Oliveira, meu orientador no decorrer da graduação. Obrigado pelo cuidado, pela paciência e dedicação em seu trabalho.

À Laura Iwakami Sensei, pela disponibilidade em ajudar-me nos estudos sobre cultura japonesa.

Ao Yohan Ignas, Vanessa Ignas, Mírian Costa e Neto Lourenço: gente amada da igreja A Ponte Fortaleza. Não esquecerei das orações e do apoio em tantos momentos.

A Tiago Cavalcante, Edivani Barbosa, Elisa Zanella, Alexandre Queiroz, Rubson Pinheiro e Clélia Lustosa, professores e professoras do Departamento de Geografia que me inspiram pela dedicação no trabalho que exercem.

A Cynthia Rodrigues, professora do Departamento de Geologia, pelas orientações no decorrer da minha jornada no curso de Geografia.

A Dora Gadelha, Fabiana Abreu e Tânia Noletto, professoras inspiradoras.

Aos colegas do LEGES, principalmente Tiago Duarte, Lizandra Araujo, Djailson Ricardo, Ivna Marques, Aurislane Carneiro e Eduardo Alves.

Aos colegas do Laboratório NihongoLab.

Ao CNPq pelo fomento aos projetos de pesquisas aos quais eu fui bolsista de iniciação científica.

A Universidade Federal do Ceará, minha segunda casa de 2017 a 2020.

Arigatou Gozaimasu! Muito obrigado a todos!

*“Nesse rio torto
Sem fronteiras pra ninguém
Sem perder o rumo
Vou me encontrar também”
Marcos Almeida (2012)¹*

¹ Rio Torto. Marcos Almeida.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma sistematização dos aspectos geográficos e culturais de uma festa japonesa que foi contextualizada no maior território sul-americano por diversas comunidades nipo-brasileiras: o Bon Odori. O enfoque à patrimonialidade festiva nipo-brasileira é justificada pela importância de se estabelecer um diálogo intercultural sobre as culturas que integram os espaços locais e alternos dos educandos. O estudo fundamentou-se no conceito de paisagem patrimonial para tratar a festa enquanto construção social e simbólica. No âmbito educacional realizou-se uma análise sobre a função da imagem como parte da metodologia da Geografia Escolar. Na interação docente se apresentou um material didático que consistiu no uso de fotografias e infográficos para apresentar e mediar conhecimentos sobre os significados e a representação patrimonial do Bon Odori. A primeira parte deste trabalho apresentou os elementos que compõem a prática simbólica da festa realizada no Japão. Realiza-se um levantamento qualitativo sobre o Bon Odori no Brasil e em seguida são abordados os exemplos festivos praticados nas cidades de Pereira Barreto - SP, Campo Grande - MS, Maringá - PR, Atibaia - SP, Salvador - BA, Tomé-Açu - PA e Goiânia - GO para analisar esta patrimonialidade enquanto parte da identidade cultural nipo-brasileira. As localidades pesquisadas foram escolhidas a partir da disponibilidade de trabalhos acadêmicos, de imagens e de recursos audiovisuais sobre elas considerando as representações simbólicas de todas as cinco regiões do território brasileiro. A segunda parte deste trabalho apresenta a pesquisa, os procedimentos e as reflexões adquiridas na interação docente durante o quarto estágio supervisionado. Considerando o período pandêmico mundial decorrente da disseminação do vírus COVID-19, as atividades presenciais nas escolas públicas foram suspensas. Nisto, a pesquisa educacional se procedeu num contexto onde as interações entre professores e alunos aconteceram exclusivamente através dos recursos virtuais. Conclui-se que a representação simbólica do Bon Odori no Brasil se assemelha em vários aspectos à patrimonialidade verificada no Japão e que os estudos paisagísticos sobre esta festa devem continuar porque elas são parte das expressões imateriais das comunidades nipo-brasileiras. Apresenta-se também uma breve reflexão sobre os desafios da docência nas circunstâncias decorrentes de uma pandemia mundial, além da importância dos estudos patrimoniais e do cuidado no uso das imagens na Geografia Escolar.

Palavras-chave: paisagens culturais; patrimônio cultural; Bon Odori; nipo-brasileiro; exercícios imagéticos.

ABSTRACT

The present work proposes a systematization of the geographic and cultural aspects of a Japanese festival that was contextualized to Brazil and is called Bon Odori. The focus on nipo-Brazilian festive heritage is justified by the importance of establishing an intercultural dialogue about the different cultures in the local and alternate spaces of students. The study was based on the concept of heritage landscape to approach the festival as a social and symbolic construction. In the educational field was made an analysis about the function of the image as part of the geographic education methodology. In the teacher's interaction, the teaching material consisted of the use of photographs and infographics to present and mediate knowledge about the meanings and heritage representations of Bon Odori. Thus, this analysis is divided into two parts: the first presents the elements of the symbolic practice in Japan Bon Festival is then presented with an initial quantitative survey about Bon Festival in Brazil. Then, the festive examples located in the cities of Pereira Barreto (São Paulo), Campo Grande (Mato Grosso do Sul), Maringá (Paraná), Atibaia (São Paulo), Salvador (Bahia), Tomé-Açu (Pará) and Goiânia (Goiás) to analyze Bon Odori as part of the Japanese-Brazilian cultural identity. The locations were chosen based on the availability of academic papers, images and audiovisual resources about them. The second part of this work consists of research, procedures and reflections acquired in the teacher interaction during the fourth supervised internship. In the school analysis, it was taken into account that the worldwide pandemic period, resulting from the dissemination of the COVID-19 virus, caused the restriction of on-site activities in public schools. In this sense, the research was carried out in a context where interactions between teachers and students were restricted to strictly virtual resources. It is concluded that the symbolic representation of Bon Odori in Brazil is similar to that observed in Japan. Landscape studies on this festival need to continue, as its symbolic practices are part of the immaterial expressions of the nipo-Brazilian communities. Furthermore, the challenges of teaching in the midst of a period of social isolation resulting from a pandemic are reported. Finally, we verified the importance of heritage studies and care in the exercise of images for school geography.

Keywords: cultural landscapes; cultural heritage; Bon Odori; nipo-Brazilian; imageries exercise.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DO JAPÃO AO BRASIL: A PAISAGEM FESTIVA DO BON ODORI	20
2.1	Geografia e patrimônio cultural: pressuposto teórico para a Paisagem Cultural.....	20
2.2	Do japonês imigrante à identidade Nikkei.....	22
2.3	A volta dos ancestrais: o Bon Odori no Japão.....	25
2.4	Bon Odori no Brasil: as paisagens culturais a partir da festa.....	32
3	A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BON ODORI NIPO-BRASILEIRO..	47
3.1	Exercícios imagéticos: os signos e símbolos das festas Bon Odori no Brasil.	49
3.2	Reflexões sobre o ensino das paisagens simbólicas Nipo-Brasileiras.....	57
3.2.1	<i>Reconhecendo as paisagens dos espaços de vivência.....</i>	57
3.2.2	<i>Aprendendo sobre Paisagens Culturais no contexto da Educação Remota.....</i>	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A – 1º QUESTIONÁRIO.....	82
	APÊNDICE B – 2º QUESTIONÁRIO.....	88
	APÊNDICE C – PLANO DE AULA	91

1. INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1960 o Brasil testemunhou o surgimento de uma festa que destoava da cultura nacional daqueles tempos. E na medida em que diversas comunidades de imigrantes japoneses e seus descendentes foram estabelecendo vínculos com o maior país da América do Sul, esta prática imaterial ganhou força e notoriedade em várias cidades brasileiras. Fundamentada sob uma crença religiosa advinda de um país localizado no Extremo Oriente, esta festa faz de um imaginário coletivo cujo propósito consiste em honrar e celebrar a vida dos antepassados.

Tradicionalmente nessa celebração, um elevado palco costuma ser colocado no centro do espaço festivo. Nele, algumas pessoas tocam tambores e outras vão compondo uma dança sincronizada. Ao seu redor, os demais festeiros dançam em filas circulares ao som das melodias que denotam alegria, reverência e devoção. A festa que aqui estamos a conhecer conjuga parte da cultura imaterial da terra do sol nascente que foi trazida ao Brasil pela maior comunidade de descendentes japoneses para além do arquipélago nipônico. Esta festividade ficou conhecida no Brasil como Bon Odori.

Nos dias atuais essa festa acontece em cidades de todas as regiões do Brasil. No estado de São Paulo, por exemplo, as cidades de Andradina, Atibaia, Registro e Pereira Barreto consolidaram o Bon Odori há mais de 50 anos. A celebração em Maringá-PR é esperada todos os anos por vários grupos que dançam o Bon Odori habilidosamente. No Nordeste brasileiro, a mesma festa tem a sua marca consolidada há 60 anos na Mata de São João-BA e há mais de 20 em Salvador-BA. Na capital goianiense, alguns noticiários indicam o Bon Odori dessa cidade como o maior festival de cultura japonesa do Centro-Oeste. Estes são alguns exemplos da festa Bon Odori consolidada como uma prática patrimonial que se constitui como paisagem cultural, conceito este que iremos nos debruçar no decorrer do presente trabalho para fins geográficos e educacionais.

Nos estudos geográficos, as paisagens culturais expressam as marcas da existência humana no espaço seja na interação com a natureza, seja consigo mesma. Elas revelam as práticas simbólicas e materiais que concernem à história pessoal e a do outro. Neste sentido, o presente trabalho relacionou Geografia, Educação e Patrimônio para sistematizar aspectos geográficos e culturais sobre uma festividade de origem nipônica contextualizada ao Brasil graças à extensa comunidade Nipo-Brasileira.

A festa – ou festival – Bon Odori recebe o enfoque desse trabalho pela sua representatividade e visibilidade capaz de gerar estudos geográficos sobre as paisagens culturais japonesas e nipo-brasileiras. Seu cenário é tradicionalmente composto por lanternas de papel, tambores, vestimentas típicas e danças coletivas, pertinentes ao imaginário patrimonial nipônico. No Brasil as primeiras festas Bon Odori foram protagonizadas por várias colônias de imigrantes. Se revelando no espaço-tempo de maneiras específicas, tais festas apresentam paisagens semelhantes àquela que foi originada no Japão.

A curiosidade em pesquisar sobre patrimônio japonês precedeu do desejo de estudar culturas alternas e suas manifestações simbólicas no contexto do espaço mundial globalizado. A paixão por essa temática, sobretudo pelos estudos das civilizações no Extremo Oriente, cresceu ainda mais ao assistir filmes, seriados, documentários e tantas outras produções culturais transmitidas na TV e na internet sobre o Japão, Coréia do Sul, China, Tailândia e outros países asiáticos. Além disso, a Geografia tem avançado nos estudos sobre imigrações, considerando que pesquisadores de várias áreas científicas têm se debruçado sobre temas que envolvem a Imigração Japonesa ao Brasil. Ao conhecer algumas práticas festivas japonesas, foi notado que o estudo de uma festividade como o Bon Odori é capaz de promover conexões paisagísticas entre dois países tão distintos em suas culturas e crenças. E considerando que hoje existem aparatos virtuais e digitais que facilitam a busca de fotografias, sons e vídeos sobre as paisagens patrimoniais, foi assim que o Bon Odori foi escolhido para ser estudado no contexto da educação geográfica e patrimonial.

Os alicerces teóricos e metodológicos dessa pesquisa se deram durante os encontros do grupo de estudos sobre estética japonesa no Laboratório NihongoLab² e durante os grupos de estudos sobre paisagens culturais no Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos – LEGES. O enfoque da pesquisa sobre as práticas simbólicas iniciou na execução do projeto de pesquisa “Paisagens Patrimoniais do Carnaval Latino: Mapeamento Simbólico de Urbes Turísticas”³. Partindo para um rumo independente, a pesquisa sobre patrimônio começou trazendo essa correlação entre paisagens culturais locais e alternas para o contexto da educação geográfica. Todo esse percurso da formação do professor de Geografia contribuiu de modo eficaz para a elucidação teórica e prática deste trabalho.

² Nihongolab é um grupo de estudos japoneses vinculado ao curso de japonês e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará.

³ O projeto faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Ceará em parceria com a agência financiadora CNPq Brasil.

É importante esclarecer que ainda não se sabe, exatamente, quando e onde a prática do Bon Odori começou no Brasil. Sabe-se, porém, que várias associações (ou clubes) foram criadas no decorrer da história da Imigração Japonesa no Brasil. São estes ajuntamentos, compostos por imigrantes e Nikkeis⁴, que promoveram e continuam a fomentar projetos culturais, esportivos e sociais nos quais estabelecem vínculos entre as famílias e preservam a memória cultural. Em sua pesquisa sobre práticas corporais, Ledur (2017, p. 74) observou que a maioria dos Festivais Bon Odori são organizados pelas associações nipo-brasileiras e que se revelam como prática cultural que incentiva a preservação e a transmissão de seu patrimônio milenar, ao mesmo tempo que se contextualiza na sua nova realidade espaço-temporal.

Quanto às origens da festa, alguns registros datam seu surgimento no século XIV. No Japão o Bon Odori faz parte um outro Festival chamado “Obon”⁵ (WIK, 2016). Esta festa se caracteriza pelos ritos budistas mediante os valores perceptivos à ancestralidade, à honradez e à devoção. Durante o verão nipônico, este festival é conhecido pelas práticas socioculturais voltadas à homenagem aos antepassados, justificando a crença da visita espiritual dos mortos aos vivos. A dança “Bon Odori” é uma das práticas que acontecem na passagem da tarde para noite, cuja mudança de cores no céu compõe a celebração que é testemunhada pela paisagem.

Considerando todas as informações obtidas sobre esta festa, a pesquisa conduziu a reflexão sobre a prática do Bon Odori nipo-brasileiro para a educação geográfica. Assim, o presente trabalho se sucedeu durante a realização do Quarto Estágio Supervisionado sucedido na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral (E.E.M.T.I.) Renato Braga na cidade de Fortaleza/CE, cujo trabalho foi articulado com as turmas da primeira série do Ensino Médio. Para tanto, dispondo de informações documentais e imagéticas disponíveis, questionou-se: como tornar acessível e instrumentalizado a compreensão simbólica da cultura nipo-brasileira na educação geográfica das escolas de Ensino Médio?

Para responder a esta pergunta, este trabalho apresenta uma sistematização descritiva e reflexiva para os estudos patrimoniais na Geografia Escolar. O percurso empírico buscou informações sobre os festivais Bon Odori realizados no Brasil a partir de informações obtidas em trabalhos acadêmicos, além de páginas sobre associações Nikkeis, portais de notícias e conteúdos divulgados em redes sociais. Conferindo e checando todas as informações

⁴ Nikkei é o termo referente aos descendentes de japoneses nascidos fora do arquipélago japonês. Assim como “nipo-brasileiro”, utilizaremos esse termo no decorrer de nosso trabalho.

⁵ *Obon* (お盆) ou *Obon Matsuri* (お盆祭り) significam Festival das Lanternas ou Festival de Finados.

obtidas, foi possível, então, caracterizar e sistematizar os elementos culturais do Japão e do Brasil sobre o Bon Odori sob a análise paisagística, compreendendo o seu caráter patrimonial.

Cientes de que todos nós vivemos numa sociedade etnicamente plural, é importante entender que a escola deve proporcionar uma educação intercultural para obter e propagar a consciência de personalidade e alteridade (SERVILHA, 2019), características estas que fazem parte do processo de formação cidadã das alunas e alunos desta pesquisa. Foi na busca por este diálogo intercultural que os saberes do patrimônio cultural alterno foram conduzidos ao ambiente escolar.

Questionou-se, portanto, como a temática das paisagens patrimoniais nipo-brasileiras podem ser trazidas à Geografia Escolar no intuito de informar, visualizar e mediar conhecimentos de abordagem cultural. Aqui, a alteridade é definida como aquilo que pertence ao outro, bem como às minorias étnicas e imigratórias. Se cada sociedade revela a pluralidade em seu território, um diálogo intercultural com os espaços alternos (SERVILHA, 2019) permitirá um ensino transdisciplinar das ciências humanas e de suas implicações nas paisagens patrimoniais do Brasil e da América Latina.

No planejamento do Estágio Supervisionado, foi levado em consideração que a cidade de Fortaleza-CE ainda não sedia uma festa Bon Odori como em outras cidades que foram pesquisadas. Para se pensar uma educação intercultural usando uma festa nipo-brasileira como exemplo, o professor deve considerar metodologias que sejam adequadas ao que o público-alvo entende sobre patrimônio local e o que se compreende enquanto “cultura japonesa”. O consumo da cultura pop e da gastronomia japonesa pelo público infanto-juvenil são exemplos capazes de auxiliar na criação de um ponto de partida para tratar sobre a festividade em questão.

Outro desafio posto ao percurso educacional foi o cenário pandêmico ocasionado pela transmissão do vírus SARS-CoV-2 no ano de 2020. O Governo do Estado do Ceará decretou a suspensão das aulas presenciais no mês de março. Já em agosto do mesmo ano a Secretaria de Educação decretou o retorno às aulas das escolas públicas de maneira exclusivamente virtual/remota por tempo indeterminado. Foi nesse formato de ensino que a prática educacional se deu. A ação docente consistiu na elaboração de dois questionários estruturados, uma aula transmitida remotamente e um material de apoio elaborado com fotografias e infográficos próprios sobre o Bon Odori. Todos os recursos foram elaborados para que os alunos pudessem acessá-los nas plataformas virtuais em smartphones, tablets ou computadores.

A pesquisa conduziu um cuidado específico sobre o uso de imagens para a ação educacional. O exercício imagético é capaz de potencializar a visão do aluno sobre um determinado assunto na figura, mas seu uso inadequado pode inibir ou até anular seu propósito. Portanto, o trabalho vai explicar a importância do planejamento sobre a forma de expor e mediar o que se deseja explicar sobre uma imagem.

Portanto, este trabalho é pautado por uma abordagem educacional e cultural. Enquanto conceito norteador deste trabalho, o conceito de paisagem cultural foi embasado nas leituras de Serpa (2019), Rocha (2018), Marandola e Oliveira (2018). O patrimônio cultural e suas práticas simbólicas foram pautadas, respectivamente, nos estudos de Almeida (2013) e Oliveira (2007). Já as elucidações de Beltrão (2008), Takeuchi (2016) e Sakurai (2007) estruturaram as reflexões sobre Imigração Japonesa no Brasil. O conceito intercultural estudado por Servilha (2019) e Cavalcanti (2006) encaminhou a reflexão sobre educação geográfica pautada sob a alteridade, pois a festa em análise remonta o imaginário de diferentes comunidades nipo-brasileiras. O material didático foi elaborado considerando a definição e função da imagem discutida por Samain (2012) e Carvalho e Aragão (2012).

Considerando o enfoque nos exercícios imagéticos, foi desenvolvido um trabalho visual que articulou textos, fotografias e pinturas através de um material didático disponibilizado virtualmente⁶. Composto por esse trabalho conhecido como infográfico, este material foi desenvolvido principalmente para conduzir os alunos a contemplarem as figuras que representam o saber festivo do Bon Odori desde suas origens japonesas até sua contextualização no Brasil.

É importante relatar que a pandemia ocasionada pela transmissão do vírus SARS-CoV-2 incitou em mudanças e flexibilizações na execução da pesquisa. Com isto, as visitas de campo foram inviabilizadas e o acesso às informações sobre as festas se deu de modo estritamente online. Sem esquecer que todas as práticas culturais contendo aglomerações foram restringidas em seus modelos tradicionais em vários meses do ano de 2020⁷.

Este trabalho obteve sucesso graças à contribuição de tantos outros trabalhos de pesquisadores que testemunharam as práticas culturais de várias comunidades Nikkeis, bem

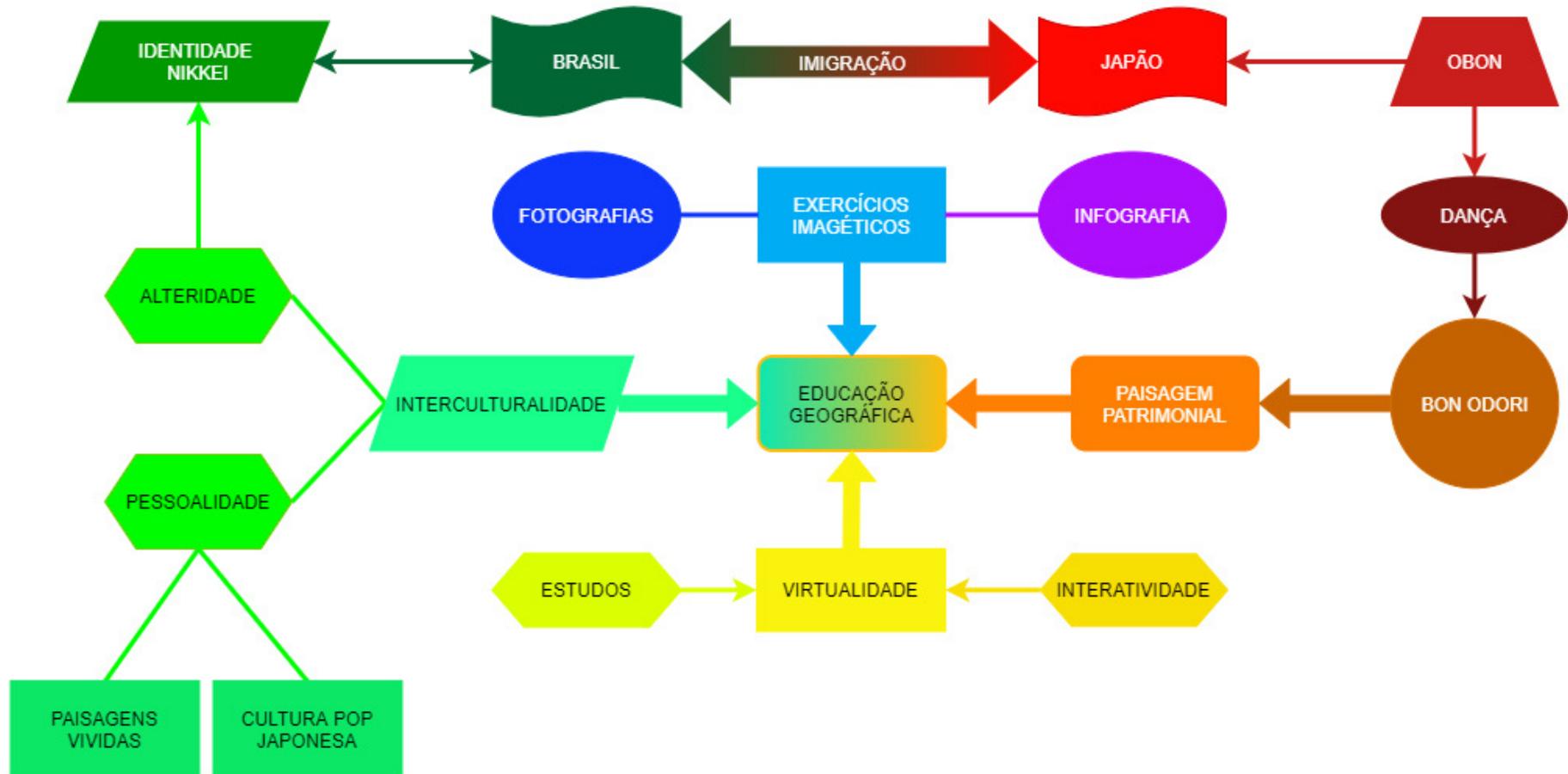
⁶ O material didático virtual pode ser acessado através do perfil @bonodoribr no Instagram <www.instagram.com/bonodoribr>.

⁷ Em decorrência da possibilidade confirmada dos altos riscos de contágio do vírus entre pessoas próximas, a Organização Mundial da Saúde aconselhou as gestões públicas a suspenderem quaisquer atividades culturais que estimulassem aglomerações. Nisto, festividades como Carnavais, São João e tantas outras foram oficialmente canceladas.

como dos festejos do Bon Odori. As fontes documentais e imagéticas na internet foram basilares para o exercício da prática científica e docente. Assim, foi possível avaliar a representação visual do Bon Odori enquanto patrimônio cultural que reconstitui ritos nipônicos e se consolida enquanto paisagem cultural nipo-brasileira.

O mapa cognitivo a seguir representa a síntese do percurso metodológico que estrutura o presente trabalho:

Figura 1 – Metodologia do trabalho.



Fonte: Elaboração do autor (2021).

Resumidamente, como objetivos específicos, foi realizada uma sondagem inicial sobre as festas Bon Odori no Brasil na compreensão das práticas simbólicas em suas origens nipônicas e na atuação de grupos nipo-brasileiros. As paisagens culturais foram pensadas através dos exercícios imagéticos. E por fim, foi avaliado o papel educativo do Bon Odori enquanto paisagem nipo-brasileira considerando os espaços locais e alternos numa discussão intercultural.

No capítulo “DO JAPÃO AO BRASIL: A PAISAGEM FESTIVA DO BON ODORI”, é apresentado todo o referencial teórico sobre o significado das paisagens patrimoniais entendidas no contexto da festa nipo-brasileira Bon Odori. Primeiramente a ciência geográfica é associada ao conceito das paisagens patrimoniais. Em seguida, apresenta-se uma breve descrição do rito do Bon Odori na Terra do Sol Nascente e da história da Imigração Japonesa no Brasil.

Reforçando o papel das associações Nikkeis no Brasil, é relatado um panorama sobre a história da imigração japonesa além da descrição de alguns exemplos festivos do Bon Odori no Brasil considerando os relatos de pesquisadores, de figuras importantes e do uso das imagens fotográficas para compreender a prática simbólica nos exemplos mais comuns deste país.

O capítulo seguinte “A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BON ODORI NIPO-BRASILEIRO” apresenta as práticas e as reflexões geradas pela pesquisa no espaço escolar adaptado para o meio digital. No tópico “Exercícios imagéticos: os signos e símbolos das festas Bon Odori no Brasil”, faz-se uma relação entre o conceito de imagem e a educação geográfica para justificar os planos de aulas e o material didático elaborado. No tópico seguinte, “Reflexões sobre o ensino das paisagens simbólicas Nipo-Brasileiras”, é apresentada a práxis docente que aconteceu durante o estágio supervisionado, além dos resultados obtidos na atividade de sondagem referente ao último questionário que finalizou a presente pesquisa.

A partir dos dados e dos relatos dos alunos, todo o trabalho é pensado e realizado nas circunstâncias decorrentes de uma pandemia que prejudicou a educação e as expressões culturais que foram suspensas em sua natureza comunitária. Nas considerações finais o trabalho deixa uma reflexão a respeito da sistematização, da descrição do patrimônio festivo do Bon Odori e da atuação docente ao lidar com o desafio de ensinar as relações culturais ainda desconhecidas pelos alunos. Se bem articulado, os exercícios imagéticos encaminham rumos

educativos que dissolvem as fronteiras e estigmas sobre as culturas alternas e sobre tudo o que diz respeito à nossa identidade pluricultural.

É relevante salientar que os estudos sobre o Bon Odori no Brasil estão começando e a mesma temática precisa ser estudada com mais amplitude no avanço das pesquisas acadêmicas. Por hora, resta a curiosidade em saber: será possível promover uma Educação Patrimonial conectando a patrimonialidade da Terra do Sol Nascente à capital da Terra da Luz?

2. DO JAPÃO AO BRASIL: A PAISAGEM FESTIVA DO BON ODORI

Apresenta-se aqui o conteúdo e o referencial teórico que sustenta o percurso desta pesquisa: desde o que se propõe como paisagem e patrimônio até a caracterização geográfica da expressão cultural. Toda a base teórica é permeada pelo pensamento paisagístico que indaga quais são os motivos de uma Geografia que se importa com o patrimônio de um rito festivo que é estabelecido e celebrado em todas as regiões do Brasil.

Compreendendo o levantamento bibliográfico enquanto natureza da pesquisa, a pesquisa procedeu pela busca e pela leitura de produções científicas, literárias e midiáticas que proporcionaram relatos, percepções e reflexões sobre as festividades Bon Odori, elucidando a análise sobre a paisagem imaterial enquanto expressão identitária cultural.

Esta jornada começa com a estruturação dos fundamentos teóricos do trabalho. Com isto são descritos os significados da dança e da festa Bon Odori no Japão, é relatado um breve histórico sobre a imigração japonesa e a constituição de associações e entidades Nikkeis no Brasil. E, por seguinte, faz-se uma análise sobre a paisagem cultural nipo-brasileira, o Bon Odori, elucidando toda a paisagem patrimonial que se deseja analisar.

2.1 Geografia e patrimônio cultural: pressuposto teórico para a Paisagem Cultural

A paisagem cultural é o conceito que permeia a análise deste capítulo. A paisagem representa o aspecto do espaço que é inerente à percepção do homem (ROCHA, 2018). Existem diferentes tipos e abordagens paisagísticas: a paisagem urbana, agrária, industrial, religiosa e muitas outras. Aqui o enfoque se dá na paisagem cultural, na qual propõe uma análise psicológica e fenomenológica da percepção do espaço. Nisto, é possível compreender os aspectos visíveis, táteis, audíveis, degustativos, olfativos e afetivos que integram um cenário em constante mudança.

Ao considerar os estudos paisagísticos da escola alemã, Andreotti (2013) entende que o significado da paisagem vai além do passado, da memória e da reconstrução histórica. A paisagem é “também uma atitude psicológica na direção do presente, um acolher o significado do atual” (p. 186). Ou seja, as marcas deixadas na paisagem revelam não somente as

transformações ao longo da história como também testemunham a relação dos homens no passado e no presente.

Ao refletir sobre os estudos de Augustin Berque sobre o pensamento paisageiro e o pensamento da paisagem, Marandola e Oliveira (2018) concluem que:

[...]a paisagem ultrapassa o aspecto visual e material da realidade, levando esses aspectos em conta, mas sempre em relação com aspectos subjetivos. Assim compreendida, a paisagem é a dimensão sensível e simbólica do meio, ou a própria manifestação da relação entre o homem e a superfície terrestre, expressão da existência humana. (p. 143, MARANDOLA, OLIVEIRA, 2018)

Desta maneira, enquanto cenário integrado, a paisagem também é dotada de significados nos símbolos e signos que ela demonstra. Segundo Almeida (2013), quando a paisagem é institucionalizada, ela se torna um patrimônio de bens culturais. É definido, então, o conceito de patrimônio cultural:

[...] um recurso para a conservação de símbolos e signos culturais. O patrimônio reflete a história de um povo, suas lutas e conquistas, seus valores e crenças em um dado momento de sua existência. Além disso, o patrimônio fortalece a identidade cultural de um grupo e estimula cada povo a ter um patrimônio cultural. (ALMEIDA, 2013, p. 425)

Na Conferência para a Proteção do Patrimônio Mundial em 1972, a UNESCO estabeleceu uma definição de patrimônio cultural que dava abrangência somente às feições materiais da paisagem. Somente em 2003, na convenção realizada em Paris que os aspectos inerentes ao intangível passaram a compor o patrimônio cultural da humanidade. Dentre eles: as tradições e expressões orais, as expressões artísticas, as práticas sociais, os rituais, os atos festivos, os conhecimentos e as práticas relacionadas à natureza e ao universo, além das técnicas artesanais tradicionais (UNESCO, 2013).

No Brasil a Constituição Federal de 1988 já considerava bens materiais e imateriais como parte integrante do patrimônio cultural. Mas só em 2000 que o registro de bens imateriais foi regulamentado no país. Em 2006 foi autorizada a lei de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (BRASIL, 2006), instância que a UNESCO já havia promulgado em 2003.

Almeida (2013) também considera que no patrimônio “os grupos sociais reconhecem sua identidade e, uma vez assumidos, materializados são, no presente, transmitidos às gerações futuras.” (p. 426). Assim, o olhar humanístico e cultural das tradições de um povo nos conduz a uma leitura do patrimônio enquanto memória e afirmação da identidade social, concebendo a paisagem cultural na percepção dos sujeitos que a constroem.

Como expressão cultural e patrimonial, a festa tem o poder de transformar o espaço-tempo. A festa é uma prática coletiva (AMARAL, 1999; OLIVEIRA, 2007), dotada de práticas que concernem ao sagrado e ao profano (ROSENDAHL, 1996). Apesar de sua natureza carnavalesca, cívica, religiosa ou diversificada, uma celebração estabelece o elo comunicativo e comunitário (FERREIRA, 2006). São expressões culturais derivadas dos imaginários sociais inerentes às identidades coletivas e individuais. Na representação de cada elemento de uma festa, a paisagem simbólica estabelece o seu propósito festivo (OLIVEIRA *et. al*, 2013).

Ao observarmos uma festa, nos deparamos com a fé, a devoção e a socialização reveladas no imaginário das práticas simbólicas. As festas dos espaços vividos apontam para as identidades locais como parte da realidade próxima do observador. É como para os fortalezenses que vivenciam a organização do Réveillon na Beira-Mar, desde o anúncio oficial divulgado pela gestão municipal até a sua realização. Ou como para os pernambucanos que testemunham o espaço-tempo das festas carnavalescas nas cidades de Olinda e Recife.

Já as festas alternas conferem expressões simbólicas num país que não se isola internamente. As festas de diferentes grupos religiosos, as cerimônias cívicas, as festas onde direitos de grupos sociais são reivindicados (protestos políticos, por exemplo), as festas trazidas pelos imigrantes bolivianos, italianos, alemães, argentinos, japoneses e tantas outras nacionalidades. Essas e tantas outras práticas simbólicas dimensionam um país que precisa ser conhecido pela sua própria difusão e pluralidade étnica e cultural. Nesse sentido, como promover uma espacialização deste patrimônio se cada exemplo festivo é constituído por agentes, ritos e pela memória firmada em sua identidade patrimonial?

Como será visto adiante, o Bon Odori é uma paisagem de marcas devocionais pertencentes às gerações de imigrantes japoneses e nipo-brasileiros. Portanto, para realizar um estudo breve e sistemático sobre a paisagem da festa do Bon Odori, é preciso, antes de tudo, conhecê-la em suas origens.

2.2 Do japonês imigrante à identidade Nikkei

O dia 18 de junho de 1908 marcou a história do país quando mais de 780 imigrantes japoneses chegaram ao Porto de Santos no estado de São Paulo. Este fato foi um marco histórico para o Brasil porque foi a primeira das muitas chegadas de imigrantes japoneses. Foram os

primeiros resultados visíveis do Tratado de Amizade entre o Japão e o Brasil, acordo diplomático assinado entre os dois países no dia 5 de novembro de 1895 em Paris, França.

Com o passar das décadas, a crescente formação de colônias avançou pela extensão do território brasileiro, ainda que de maneira desigual. Mas a formação identitária das comunidades nipo-brasileiras aconteceu em meio a um cenário de altas demandas de trabalho e de práticas governamentais e sociais que demonstravam uma postura xenofóbica por parte de outros brasileiros.

Primeiramente o governo exigia que não houvesse um proselitismo religioso fora do Japão (LESSER, 2001, apud. ANDRE, 2017). O regime trabalhista imposto aos imigrantes se baseava no sistema colonato. Logo, o enraizamento cultural das famílias era ainda mais dificultado (ANDRÉ, 2011). Muitos deles desejavam retornar brevemente ao Japão com boas condições financeiras⁸. Sobretudo, eles não demorariam a constatar que os cafezais, conhecidas no Japão como “árvores de ouro” não garantiriam as fáceis riquezas que se falavam do Brasil.

A expansão identitária nipo-brasileira era dificultada, também, com o reforço à xenofobia por intelectuais e políticos da época quando estes usavam como pressuposto a “segurança do povo brasileiro” para defender teorias relacionadas ao “Perigo Amarelo”⁹. Não foi à toa que várias colônias foram perseguidas e controladas durante a ditadura estadonovista (TAKEUCHI, 2016) e durante a Segunda Guerra Mundial quando o Japão se aliou ao Eixo e se declarou inimigo dos Estados Unidos (SAKURAI, 2007).

Em 1945 o Japão anunciou sua rendição na Segunda Guerra Mundial, revelando ao mundo sua drástica crise econômica e influenciando a mudança de perspectiva das colônias japonesas. Diante desse fato, o Brasil se tornou a opção mais viável para uma habitação permanente. A segunda metade do século XX indicou, então, uma nova fase na reestruturação social, econômica e cultural da comunidade nipo-brasileira:

O pós-guerra foi um período de reorganização da colônia japonesa no Brasil que, após os tempos nebulosos da década anterior, encontrava-se desestruturada como comunidade étnica. [...] Diante desta realidade a maioria decidiu fixar residência permanente no Brasil e isto produziu uma profunda mudança no planejamento de vida dos imigrantes (BELTRÃO et. al, 2008, p. 264).

⁸ O fenômeno “dekassegui” (出稼ぎ, “trabalhando longe de casa” em tradução livre) compreende um público de imigrantes e de Nikkeis que retornam ao seu país de origem. Em outras leituras, enfatiza-se aqueles que tinham a premissa de “trabalhar, ganhar dinheiro e voltar para o Japão” (BELTRÃO et al, 2008, p. 303).

⁹ O “Perigo Amarelo” (ou “Perigo Japonês”) foi um conceito idealizado no século XX que indicava um medo de que o militarismo japonês conseguisse dominar a raça amarela sobre a raça branca (UENO, 2019).

É importante ressaltar que os nipo-brasileiros não representam um grupo só, pois cada colônia era formada por famílias que vinham de diferentes regiões do Japão (BELTRÃO *et al.* 2008). Cada colônia precisou lidar com diferentes realidades físico-geográficas em todo o território brasileiro. Com a urbanização e o crescimento das cidades, algumas delas foram reduzidas, dispersas ou agregadas umas às outras. Deste modo, a identidade Nikkei está intrínseca às perspectivas e modos de vida em que as famílias nipo-brasileiras viviam e passaram a viver com a perspectiva de permanência no Brasil.

O processo de integração à sociedade brasileira seria perceptível nas décadas de 1960 e 1970, sobretudo num período de inserção dos nikkeis nas universidades públicas e na ocupação de profissões de notoriedade social. Nesta fase da história dos nipo-brasileiros é possível contemplar um impulso na prática de atividades religiosas, culturais, esportivas e educacionais. Graças à cultura do associativismo, tradicional na Terra do Sol Nascente, os clubes e associações de Nikkeis também se tornaram comum no Brasil.

As associações visam a confraternização entre os nikkeis e a valorização dos costumes da própria cultura nipônica. Atividades esportivas, educacionais e culturais se tornam bastante comum na preservação da memória cultural do país de origem. Segundo a Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil (1992):

Desconhece-se o número exato de associações de japoneses existentes em todo o Brasil na época. Mas em 1932 havia 223 (Anuário Brasil), número que saltou para 480 em 1940, segundo Zaihaku Hojin Shakai no Bunka Oyobi Keizai Shosô (Diversos Aspectos Culturais e Sociais da Comunidade Japonesa do Brasil), de Kiyotaka Emi. A dimensão dessas entidades variava de alguns associados, quando pequenas, até 150 ou mais quando grandes. Quando existiam muitas associações de japoneses numa zona, nascia naturalmente uma federação. Conforme a região, organizava-se ainda uma entidade superior (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, p. 209).

Já havia, então, um número considerável de associações na primeira metade do século XX, principalmente no estado de São Paulo onde a história da imigração começou. Com a decisão da permanência fixa dos imigrantes e nikkeis no Pós-Guerra, o cenário social e cultural brasileiro passou a viver uma transformação ainda evidente.

Uma pesquisa realizada em 2018 pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros – CENB – constatou que existem cerca de 436 associações nipo-brasileiras em funcionamento¹⁰.

¹⁰ Os resultados foram apresentados em novembro de 2018 no Japan House São Paulo. Os dados quantitativos foram cartografados e disponibilizados em um mapa interativo virtual disponível em <http://nw.org.br/sistema/ctr_APIGoogleMaps_filtro/>. Fonte: Jornal Nippak. Disponível em: <<https://www.jnippak.com.br/2019/cenb-disponibiliza-mapa-das-entidades-nikkeis-no-brasil/>>. Acesso em 10 jul. 2021 às 18:45.

Considerando os dados divulgados, todas as regiões do Brasil contemplam associações nipo-brasileiras com diferentes atividades culturais. Dentre elas, uma das festas mais conhecidas e protagonizada por essas associações é aquela que recebe o enfoque da pesquisa: o Bon Odori.

2.3 A volta dos ancestrais: o Bon Odori no Japão

Para compreender o Bon Odori, é importante entender o contexto em que a festa se insere, pois antes de tudo o Bon Odori é uma dança que compõe uma das práticas do *Obon Matsuri*¹¹ (ou simplesmente *Obon*). Inicialmente é apresentado uma descrição breve sobre as práticas que fazem parte do *Obon* no desejo de obter uma compreensão sobre os valores que constituem essa festa: a percepção sobre espiritualidade e vida após a morte pautada num segmento do Budismo Japonês que endossa a prática do Bon Odori.

O *Obon* é um festival popular celebrado durante 3 dias durante o verão japonês: geralmente no mês de agosto ou setembro nos dias correspondentes ao décimo quinto dia do mês de agosto. No imaginário budista japonês se acredita que, neste período, os espíritos dos antepassados visitam a dimensão terrena. Nisto o Festival contempla vários ritos mortuários que consistem em receber o espírito dos ancestrais, celebrar sua presença e enviá-los de volta às suas origens.

Uma das tradições que começam o período do *Obon* é o *Ohakamairi*¹², rito em que várias famílias visitam o túmulo de seus antepassados para rezar por eles e conversar, contando as novidades sobre a família e sobre o mundo aos mortos. Primeiramente, os túmulos são limpos num rito zeloso de purificação, sendo adornados com flores, principalmente com um crisântemo, ou a flor que o antepassado gostava quando era vivo (GEERAERT, 2020). A imagem a seguir representa o ato da purificação do túmulo.

¹¹ *Obon Matsuri* (お盆祭り) significa literalmente “Festival das Lanternas” ou “Festival de Finados”.

¹² *Ohakamairi* (お墓参り) é traduzido literalmente como o ato de visitar o túmulo de alguém.

Figura 2 – representação do ato de purificação no *Ohakamairi*.



Fonte: <https://kokoro-jp.com/culture/380/>. Fotografia de Aquico.

Outro rito que introduz o festival é o *Mukae-Bi*¹³ em que os familiares chamam os espíritos para visitarem seus lares. Os símbolos que adornam o ambiente externo e interno das casas anunciam a delicada preocupação das famílias com a chegada de seus ancestrais. As lanternas, conhecidas por *Chochin*¹⁴ são colocadas na frente das casas no para guiar os espíritos até a casa. Um relicário budista comum nos lares é o *Butsudan*¹⁵: um altar adornado para fazer preces em honra aos espíritos. Existe também a tradição de oferecer alimentos aos espíritos que é chamado como *Ozen*¹⁶.

Outras celebrações podem diferir pelas variações dos credos religiosos ou até mesmo pelas condições geográficas de cada lugar. Na província de Kyoto, por exemplo, o *Gozan no Okuri-Bi*¹⁷ é realizado como o momento culminante de despedida dos espíritos. Neste rito são acesas cinco fogueiras enormes nas montanhas da cidade, cada uma representando diferentes símbolos concernentes à fé Budista. São acesos os símbolos *Dai* que significa

¹³ *Mukae-Bi* (迎え火) é traduzido literalmente como “fogo de saudação” para receber os espíritos compreendendo a primeira noite do Festival *Obon*.

¹⁴ *Chochin* (提灯) significa lanterna de papel. Também é conhecida como lanterna japonesa ou chinesa.

¹⁵ *Butsudan* (仏壇) é traduzido literalmente como “altar de Buda” presente em muitos lares e templos cuja religião é o Budismo Japonês.

¹⁶ *Ozen* (お膳) é uma expressão que descreve uma mesa pequena de quatro pés semelhante a uma bandeja. No contexto do *Obon*, *Ozen* descreve a comida, colocada nessa espécie de mesa, compartilhada com os espíritos.

¹⁷ *Gozan* (五山) se refere às cinco montanhas mais importantes de uma região. *Okuri-Bi* (送り火) indica o fogo cerimonial de despedida dos espíritos. A junção dessas palavras compõe o nome do evento tal como ele é conhecido em Kyoto, Japão: *Gozan no Okuri-Bi* (五山送り火).

“grande” em japonês, *Myo* e *Ho* que são dois símbolos kanjis que formam a expressão “Darma Maravilhoso”¹⁸.

Além desses, também são acesos os símbolos que representam um barco e a entrada de um santuário, o *torii*. Acredita-se que o conjunto dos símbolos representados nas fogueiras é transmitida uma mensagem de envio dos espíritos às suas origens. A figura a seguir traz um mosaico de fotos representando a cerimônia do *Gozan no Okuri-Bi* na província de Kyoto no Japão:

Figura 3 – vistas dos símbolos acesos em montes de Kyoto, Japão.



Fonte: <https://www.japaoemfoco.com/daimonji-gozan-no-okuribi/>

Outro rito relacionado à despedida dos espíritos é o *Tooro Nagashi*¹⁹ (ou *Toro Nagashi*). Trata-se de um rito em que lanternas de papel flutuantes são colocadas no rio. Cada lanterna representa um espírito, a vida de alguém que faleceu. Dando ênfase à lembrança, à honra e a despedida dos antepassados, cada lanterna flutuante segue o curso do rio, no propósito de guiar os espíritos para suas origens. Esta cerimônia foi realizada pela primeira vez em 1946 no intuito de homenagear as vítimas dos bombardeios no arquipélago nipônico durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma das cerimônias de *Toro Nagashi* mais relevantes do Japão aconteceu pela primeira vez em Hiroshima em 1947 dois anos após o lançamento das bombas atômicas que

¹⁸ O “Darma Maravilhoso” (ou *Myo-Ho* [妙法]) se refere aos ensinamentos do Budismo Saddharma.

¹⁹ Tooro (灯籠) significa uma lanterna feita de madeira ou metal tradicionalmente utilizada dentro dos templos budistas. Já Nagashi (流し) é uma expressão que pode significar cruzeiro, passear, flutuar e outros significados. Na junção da expressão, Tooro Nagashi (灯籠流し)

devastaram esta cidade e dizimou milhares de pessoas. Anualmente, cerca de 100.000 *Toros* são colocadas no rio Motoyasu no início da noite de 6 de agosto como uma forma de honrar a vida daqueles que morreram naquela época. Outro importante Toro Nagashi acontece em Tokyo, no rio Sumida, em homenagem aos que faleceram no terremoto em 1923 em Kanto²⁰. A fotografia a seguir apresenta a tradicional cerimônia acontecendo no rio Motoyasu em Hiroshima:

Figura 4 – *Tooro Nagashi* em Hiroshima, Japão.



Fonte: <http://www.culturajaponesa.com.br/wp-content/uploads/2014/08/tooro-nagashi-paz-registro-2014.jpg>.

Fotografia de Terry Kimura.

O Bon Odori entra em cena como uma das tradições que intermediam os festejos do *Obon*, costumeiramente celebrado no anoitecer dos dias de festival. De maneira geral, textos acadêmicos e populares descrevem o Bon Odori como uma prática corporal que presta uma homenagem aos mortos: afirmação que está correta em sua finalidade. Entretanto, André e Luiz (2018) pesquisaram mais a fundo e afirmaram que a natureza religiosa do Bon Odori consiste em auxiliar os espíritos a transmigrar das dimensões de sofrimento. Uma lenda japonesa vai sustentar a prática budista e que leremos a seguir.

A história conta que um monge, chamado Mokuen²¹, teve uma visão de sua falecida mãe sofrendo em um dos níveis astrais. Desesperado, o monge clamou a Buda que livrasse sua

²⁰ Disponível em <<https://theculturetrip.com/asia/japan/articles/the-history-of-toro-nagashi-japans-glowing-lantern-festival/>>; <<https://matcha-jp.com/en/2484>>. Acesso em 15 ago. 2021.

²¹ Alguns trabalhos afirmam que o monge era chamado Mokuren (ANDRÉ, LUIZ, 2018). Outros trabalhos indicam Mokuen (KUBOTA, 2008; GOMES, 2020; AIHARA, 2008; LEDUR, 2017).

mãe deste tormento. Em resposta, Buda o sugeriu que reunisse os monges das redondezas dentro do mosteiro e ali permanecessem comendo e bebendo. Feito isto, os monges se reuniram, passaram um bom tempo neste festejo, onde conceberam a visão da mãe de Mokuen fora daquela dimensão de dor. E assim os monges se alegraram e começaram a dançar em círculos. É assim que a história introduz a prática do Bon Odori: uma prática corporal que justifica a festa repleta de júbilo e de devoção.

Além dessa formação festiva oriunda da concepção religiosa, André e Luiz (2008) verificaram que o Bon Odori se trata de uma prática festiva que manifesta a concepção de morte na vertente Mahayana do Budismo. Este segmento flexibiliza as práticas culturais e as torna mais acessíveis à comunidade leiga (p. 799). Ou seja, em muitos casos a paisagem festiva do Bon Odori é composta por pessoas que não necessariamente compartilham da mesma fé ou devoção, mas que festejam por estabelecer um afeto com a festividade.

Dos festejos tradicionais aos mais modernos, o Bon Odori no Japão protagoniza um cenário marcado pelos sons advindos dos *taikos*²², pelas pessoas vestidas à caráter²³, pelos cheiros das comidas sendo feitas e vendidas nos quiosques, pela luminosidade vindas das lanternas e pelo *yagura*²⁴. Este último se trata de uma espécie de palco localizado no centro do espaço festivo onde um pequeno grupo de pessoas dançam e tocam os instrumentos de percussão, incentivando os demais festeiros a dançarem de modo semelhante ao redor do palco, estabelecendo um movimento circular.

²² Taiko (太鼓) é a expressão que define os tambores japoneses. Garcia (2020) o define como “diversos formatos de tambores ou membrafones que compõem uma significativa diversidade de estilos, tamanhos, características e sonoridades” (p. 30).

²³ A *yukata* (浴衣) é uma vestimenta (quimono) usada durante o verão nipônico feita de algodão. Devemos lembrar que o Obon Matsuri é, também, um festival de verão.

²⁴ O *Yagura* (檣) pode ser traduzido como torre de vigia ou espaço formado por andaimes ou por madeira. É a torre/palco inserido no centro do espaço festivo do Bon Odori.

Figura 5 – Exemplo de Bon Odori no Japão: enfoque no *yagura*.



Fonte: <https://shorturl.at/ajoBZ>. Fotografia de Yuko Ueta.

No distrito de Ebisu em Tóquio, o Bon Odori é celebrado frente a uma das saídas da estação de trem. Neste local é montado um andaime de 3 andares para ser o *yagura*, onde músicos tocam *taikos* e grupos dançam. O público tenta reproduzir os mesmos passos, aumentando a dimensão da prática corporal dentro da festa. Vale evidenciar a presença de diversos quiosques para a venda de lanches, deixando o espaço festivo ainda mais enérgico.

Figura 6 – Festa Bon Odori no distrito de Ebisu (恵比寿), em Tóquio, Japão.



Fonte: https://blog.brunchandmilk.com/ebisu_tokyo_bon-odori_2019/. Fotografia de Takuya Saeki.

No caso da festa Bon Odori em Nagano, Japão, percebe-se que a paisagem festiva evidencia a relevância do sagrado. Podemos justificar esse caráter pelo ambiente da festa, colocado próximo ao templo Budista Zenko-Ji. Apesar disso, aspectos como a presença do *yagura*, do *taiko*, dos *chochins* e das vestes de *yukata* revelam a semelhança da festa com aquela realizada na megalópole japonesa. A fotografia seguinte visualiza alguns aspectos da paisagem festiva em Nagano:

Figura 7 – Festival Obon em Nagano, Japão.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMS7pXtBRMQ/>. Fotografia de Martin Fogaça.

É compreendido, então, que o *Obon* reflete a concepção de morte e ancestralidade referente à fé Budista japonesa. A crença sobre a presença dos antepassados foi ensinada por gerações propagando as práticas festivas no *Obon* até os dias atuais. Todos aqueles que fazem este festival acontecer encaminham uma celebração que em sua essência reflete a honra, o respeito, a gratidão e a devoção.

Observando as fotografias e textos sobre o festival em questão, é perceptível que várias cerimônias nipônicas de Bon Odori são frequentadas por pessoas que não necessariamente mantenham um vínculo direto com a fé Budista. Portanto, o *Obon* e o *Bon Odori* são descritos por seus espaços festivos e potenciais turísticos que conquistam repercussão internacional e alcançam popularidade até mesmo entre aqueles que não são japoneses.

2.4 Bon Odori no Brasil: as paisagens culturais a partir da festa

No intuito de compreender a contextualização da prática do Bon Odori no Brasil, o levantamento bibliográfico foi essencial para conhecer as percepções daqueles que já estudaram a temática e/ou que testemunharam a paisagem consolidada no Bon Odori. Foi importante considerar outras fontes audiovisuais que assegurassem informações confiáveis. Assim, os dados foram checados com as fontes acadêmicas, consolidando um mapeamento seguro para este trabalho.

É válido ressaltar que nem todas as festas Bon Odori no Brasil são divulgadas nas mídias de comunicação mais populares do Brasil (TV, Internet etc.). Alguns casos podem ter sido ignorados desse levantamento e isso impossibilita uma quantificação exata das festas Bon Odori no território brasileiro. Independente disso, os dados obtidos são suficientes para o que a pesquisa deseja verificar. Com os resultados parciais obtidos, temos uma noção inicial sobre a dimensão patrimonial do Bon Odori no Brasil.

Apresenta-se, então, um quadro com os dados qualitativos das festividades no Brasil categorizados por: aspectos regionais, aspectos locais, períodos de realização, agentes organizadores, edição²⁵ a data de realização com o ano de referência em 2019²⁶:

²⁵ Enfatizamos a chave “Edição em 2019” porque, ao verificar este dado, podemos prever a maturidade do evento por determinadas associações nas respectivas regiões e cidades.

²⁶ 2019 foi escolhido por ser o ano precedente à atual pesquisa. Nos casos onde existem um traço (-) refere-se à incerteza da realização do evento naquele ano.

Figura 8 – Quadro qualitativo sobre o Bon Odori no Brasil (atualizado até julho de 2021).

REGIÃO	UF	CIDADE	FESTIVAL	ORGANIZADORES	LOCAL	EDIÇÃO EM 2019	PERÍODO
Sul	PR	Londrina	Festival Bon Odori (Londrina Matsuri)	Grupo Sansey - Cultural e Beneficente	Parque de Exposições Ney Braga	17°	6 a 8 de Setembro
	PR	Londrina	Bon Odori (Expo Japão)	Associação Cultural e Esportiva de Londrina - ACEL	ACEL	–	19 a 23 de Junho
	PR	Maringá	Bon Odori	Aliança Cultural Brasil-Japão do Paraná	ACEMA	40°	10 de Agosto
Centro-Oeste	MS	Campo Grande	Bon Odori	Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira – AECNB – Campo Grande-MS	AECNB	17°	17 e 18 de Agosto
	MS	Três Lagoas	Bon Odori	Associação Nipo-Brasileira de Três Lagoas	Associação Nipo-Brasileira de Três Lagoas	48°	7 de Junho
	GO	Goiânia	Bon Odori	Associação Nipo-Brasileira do Estado de Goiás - ANBG	Kaikan - ANBG	17°	23 e 24 de Agosto
Sudeste	MG	Ipatinga	Bon Odori	Associação Nipo-Brasileira de Ipatinga - ANBI	ANBI	–	19 de Outubro
	SP	Andradina	Bon Odori	Associação Assistencial, Cultural e Esportiva de Andradina - AACEA	AACEA	62	13 de Julho
	SP	Atibaia	Festival Bon Odori	Associação Cultural Esportiva Nipo Brasileira De Atibaia - ACENBRA Associação Fukushima Kenjin de Atibaia	Praça da Igreja Matriz - Atibaia-SP	51°	8 e 9 de Junho
	SP	Pereira Barreto	Bon Odori	Associação Esportiva e Cultural Pereira-barretense - ACEP	ACEP	58°	26 e 27 de Julho
	SP	Registro	Bon Odori	Bunkyo de Registro	Templo Honpa Hongwanji	59°	17 de agosto
	SP	São Miguel Paulista	Festa Japonesa Bon Odori de São Miguel	Associação Cultural e Desportiva Nikkei de São Miguel	Campo de Futebol (CDC - Jardim São Vicente)	7°	1° de Dezembro
Norte	AM	Manaus	Bon Odori	Associação Nipo-Brasileira da Amazônia Ocidental	Manaus Country Club	–	10 de Agosto
	PA	Castanhal	Bon Odori ACNBC	Associação Cultural Nipo-Brasileira de Castanhal (ACNBC)	ACNBC	17°	21 de Setembro
	PA	Santa Isabel do Pará	Natsu Matsuri	Associação Cultural Nipo-Brasileira de Santa Izabel e Santo Antonio do Tauá	Quadra do Gate-Ball da ACNIBRASS	–	31 de agosto
	PA	Tomé-Açu	Bon Odori	Associação Cultural de Tomé-Açu - ACTA	ACTA	16°	20 de Julho
Nordeste	BA	Juazeiro	Bon Odori	Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira do Vale do São Francisco	ACENIBRA	–	17 de agosto
	BA	Mata de São João	Bon Odori	Núcleo Colonial Juscelino Kubitschek	Associação Cultural Nipo-Brasileira da Colônia do JK	60°	4 de Agosto
	BA	Salvador	Festival da Cultura Japonesa de Salvador / Bon Odori	Associação Cultural Nipo-Brasileira de Salvador (ANISA)	Parque de Exposições de Salvador-BA	13°/28°	30 de Agosto a 1° de Setembro
	PE	Recife	Bon Odori	Associação Cultural Japonesa do Recife (ACJR)	ACJR	13	28 de Outubro

Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Com base nas localidades e no tempo de maturidade desses eventos, pressupõe-se que existem diferentes justificativas e maneiras na realização das festas em cada cidade. Com isto, entende-se que não existe uma paisagem festiva única do Bon Odori no Brasil. Há diferenças nas formas de fazer a prática simbólica em cada contexto espacial e temporal. Por outro lado, existem semelhanças entre essas festas e são nelas que este trabalho ancora o fundamento comparativo a fim de estabelecer a sistematização cultural e geográfica.

Considerando as divisões regionais do Brasil, são selecionadas as festas Bon Odori nas cidades de Pereira Barreto-SP, Campo Grande-MS, Atibaia-SP, Tomé-Açu-PA, Salvador-BA²⁷ e Goiânia-GO. Esta seleção considerou a disponibilidade de trabalhos científicos, fotografias e notícias sobre estes exemplos, ajudando a elaborar, então, um acervo suficiente para o mapeamento desenvolvido.

A cidade paulista de Pereira Barreto é palco de uma das festas Bon Odori mais antigas do Brasil, tanto que chegou a sua 58ª edição no ano de 2019. Ela acontece anualmente na Estância Turística da cidade, sendo reconhecida como um dos eventos mais relevantes na região. Nesta festa, um palco elevado é colocado no centro do espaço, cordas com luzes amarelas e *chochins* são ligadas do alto do *yagura* até as barracas onde as comidas típicas japonesas são vendidas e a dança é realizada de modo circular ao imitar os passos dos grupos que se apresentam no palco. A fotografia a seguir nos traz essa representação:

²⁷ Faremos uma breve menção ao Bon Odori nas cidades baianas de Mata de São João e de Juazeiro para contextualizar as declarações da Federação Cultural Nipo-Brasileira da Bahia (FCNBB) sobre a relevância da patrimonialidade do Bon Odori no estado.

Figura 9 – Momento da dança Bon Odori em Pereira Barreto-SP



Fonte: <https://encurtador.com.br/pBNVX>. Prefeitura de Pereira Barreto.

Este Bon Odori já é conhecido pelos cidadãos de tal maneira que a prefeitura incluiu o Bon Odori como parte dos eventos oficiais de aniversário da cidade. A popularidade e a representação circular pode ser melhor contemplada nas imagens aéreas da festa em Pereira Barreto como se vê na fotografia adiante:

Figura 10 – Imagem aérea do 58º Bon Odori na Estância Turística de Pereira Barreto.



Fonte: <https://bit.ly/2Wc96Rg>. Fotografia de Paulo Mitsuyoshi Chiesa Nishiyama.

Outro Bon Odori consolidado numa das colônias mais populosas do Brasil é aquele realizado na capital sul-mato-grossense, Campo Grande. Kubota (2008) pesquisou sobre a festa de Campo Grande - MS e relata que, antes da década de 1990, o Bon Odori era restrito à colônia japonesa/nikkei. Anos depois a comunidade externa passou a participar e conquistou popularidade à festa. Tanto que a Prefeitura Municipal de Campo Grande incluiu o Bon Odori no calendário oficial dos eventos da cidade (p. 112).

As duas figuras a seguir representam a festividade realizada em 2018. Nelas são visualizadas um ambiente ornamentado por flores de cerejeiras, lanternas (*chochin*) e o palco (*yagura*) no centro do espaço de socialização do Bon Odori em Campo Grande – MS. Na primeira figura é possível observar o momento onde as pessoas dançam de forma semelhante. Na segunda fotografia há uma apresentação de tambores.

Figuras 11 e 12 – Espaço festivo do Bon Odori em Campo Grande – MS.



Fonte: <<https://www.shorturl.at/inNY4>>; <<https://www.shorturl.at/crCLO>>. Fotografias de Dione Hashioka

O protagonismo feminino pode ser verificado nas fotografias referentes ao Bon Odori que acontece no Festival Nipo-Brasileiro em Maringá-PR. No espaço da Associação Cultural e Esportiva de Maringá – ACEMA – grupos locais e de outras cidades paranaenses se reúnem para celebrar a dança Bon Odori. Nas fotografias e vídeos encontrados, a presença das mulheres na condução da dança e na percussão musical são notórias. A figura a seguir demonstra esta paisagem no Festival Nipo-Brasileiro de Maringá.

Figura 13 – Festival Nipo-Brasileiro em Maringá



Fonte: <https://shorturl.at/iuNP8>. Fotografia publicada pelo Grupo Hikari de Londrina no Facebook.

Enquanto exemplo de festa oficializada como parte dos eventos citadinos, o Bon Odori em Atibaia – SP é um exemplo de protagonismo. Realizada há mais de 50 anos, este Bon Odori é promovido não só pela Associação Cultural Esportiva Nipo-Brasileira de Atibaia (ACENBRA), como pelo grupo beneficente “Bon Odori Atibaia”. A festa acontece durante dois dias. Na paisagem festiva durante o entardecer, o público vai se achegando na Praça da Igreja Matriz, sendo convidados a participarem enquanto um grupo toca *Taiko* e as canções tradicionais ressoam. A fotografia adiante revela o *yagura* montado na frente da Igreja Matriz com a presença dos *chochins* nos varais montados saindo do palco para várias direções na praça:

Figura 14 – 50° Bon Odori de Atibaia-SP.



Fonte: Fotografia de Giuliano Pieve.

O exemplo de Tomé-Açu se mostra como uma festa simbólica e identitária numa colônia que ganhou visibilidade não só no estado do Pará como em todo o território nacional por causa de seu protagonismo histórico na região Norte do Brasil. A pesquisa de Aihara (2008) proporcionou uma descrição detalhada sobre as percepções dos amigos e parentes da família Onuma, os quais são o enfoque sociológico de seu trabalho. Sua descrição promoveu várias observações a respeito do Bon Odori naquela comunidade.

Nas memórias sobre os ritos e socializações da colônia de Tomé-Açu no Pará, o Bon Odori foi um dos espaços simbólicos mais recordados. Seus relatos carregam informações concisas sobre a festividade, assim como carregam o afeto sobre a tradição ensinada por seus avós. E assim Aihara nos descreve um olhar atencioso sobre a festa em Tomé-Açu – PA:

[...]o Bon-Odori realizado anualmente em Tomé-Açu, ressurgiu para mim a partir de imagens preñes de emoções e de sentimentos relativos às experiências vividas em Tomé-Açu, como é esse culto tradicionalmente executado pelo japonês aos parentes mortos. As experiências que a minha memória guardou, foram aquelas em que dançávamos em forma de círculo em torno do yagurá, sobre o qual ficava o tocador de taykô.

Éramos então, conduzidos pelas senhoras vestidas de kimono as quais ensinavam os passos cadenciados pelo toque do tambor que dava ritmo a música entoada pelos participantes. Agradecíamos dessa maneira, a visita de nossos antepassados que retornavam ao plano terrestre para nos desejar boa safra e longa vida. Ao longo do ritual ocorria a venda de comidas de origem japonesa, tais como o sushi e o udon, sendo ofertados e consumidos outros alimentos ocidentais, como o refrigerante e a cerveja, por exemplo. (AIHARA, 2008, p. 48 - 49)

Em 2019 o Bon Odori aconteceu no Festival que celebrou os 90 anos da Imigração Japonesa em Tomé-Açu²⁸. Um yagura foi montado e nele a representatividade de luzes e cores se deram semelhantemente às representações do Bon Odori nipônico. Essa festa tem sido realizada no espaço da Associação Cultural e Fomento Agrícola de Tomé-Açu – ACTA. É possível visualizar o cenário deste Bon Odori na fotografia realizada em 2016.

Figura 15 – Bon Odori em Tomé-Açu realizado no ano de 2016.



Fonte: Fotografia de Ivi Tavares.

Em Salvador-BA, o primeiro registro oficial de uma festa Bon Odori data no ano 1991. Em 2007 ela passou a ser chamada de “Festival de Cultura Japonesa de Salvador”, alcançando mais visibilidade ano após ano. Em entrevista ao coordenador do evento, João Koji Sunano, ele justificou que o Bon Odori foi inserido no Festival de Cultura Japonesa de Salvador no intuito de apresentar a cultura japonesa de modo mais amplo (JORNAL A TARDE, 2021).

O Bon Odori se tornou posteriormente uma das atividades que integra o evento. Ao mesmo tempo, a vastidão de atividades culturais surpreende a festividade organizada pela Associação Nipo-Brasileira de Salvador – ANISA. Desfile de *cosplayers*, oficinas de chá, origami, bonsai, apresentações musicais, coreografias, etc. Nas edições recentes, o evento passou a receber apoio e patrocínio das entidades públicas (Prefeitura Municipal, Governo

²⁸ <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/07/22/terceira-maior-colonia-japonesa-do-brasil-tome-acu-festeja-os-90-anos-da-imigracao.ghtml>>. Acesso em 18 ago. 2021.

Estadual e Federal), além de diversas empresas privadas. A fotografia a seguir apresenta o momento onde todos são convidados a dançar o Bon Odori em Salvador:

Figura 16 – Momento de Bon Odori no Festival de Cultura Japonesa de Salvador.



Fonte: <https://bit.ly/3stgfZn>. Fotografia Oficial do Bon Odori Salvador.

Além do exemplo de Salvador, as festividades Bon Odori que acontecem em outras duas cidades baianas cativam pela organização e pelo tempo de maturidade festiva. É o caso do Bon Odori realizado na Colônia JK em Mata São João e na cidade de Juazeiro-BA. As festividades por lá são reconhecidas pelas parcerias estatais e privadas e pela própria Federação Nipo-Brasileira da Bahia – FCNBB.

Na capital goianense o “Bon Odori” é realizado há 17 anos em um espaço chamado *Kaikan*²⁹, organizado pela Associação Nipo-Brasileira de Goiânia – ABNG. Na edição realizada em 2019, o diretor do evento confirmou que a festa foi organizada por 400 voluntários e tinha a expectativa de receber mais de 8000 pessoas durante os dias 23 e 24 de setembro. Além do momento da dança Bon Odori, o festival também disponibilizou desfiles de *cosplayers*³⁰, venda de alimentos gastronômicos típicos do Japão, apresentações musicais, jogos de videogames dentre outras atividades.

²⁹ Dentre algumas traduções, *Kaikan* (会館) significa sala de reunião. No caso do *Kaikan* da ABNG compreende-se um espaço de socialização, palco do Bon Odori e de outros eventos culturais.

³⁰ Formada pelas palavras inglesas *costume* (roupa) e *player* (brincar), *cosplayer* refere-se àqueles que se vestem com roupas de fantasias representando personagem de filmes, séries, livros, videogames etc.

O Bon Odori de Goiânia recebe o apoio do Governo de Goiás, do Município de Goiânia e de várias empresas privadas. Além disso, em 2019 ela foi contemplada pela cobertura jornalística da empresa de comunicação “TV Anhanguera”. As imagens a seguir mostram algumas perspectivas deste cenário festivo.

Figuras 17 e 18 – Bon Odori de Goiânia-GO



Fontes: <https://bit.ly/3szxA2H> e <https://bit.ly/3svyAEW>. Fotografias da ANBG.

Nos casos festivos trazidos nesta seção, percebe-se que os símbolos usados para o Bon Odori brasileiro se assemelham na forma em que são apresentados. O *yagura*, por exemplo, é usado quase em todos os festivais observados. A sua função, todavia, pode variar enquanto palco de apresentação ou enquanto símbolo representativo da cerimônia. Nos exemplos em Campo Grande-MS e Maringá-PR, o *yagura* é colocado no centro do auditório, mas os músicos e percussionistas se apresentam num outro palco mais espaçoso. Independente disso, a dança circular dos grupos se dá em torno da pequena estrutura vermelha cumprindo o mesmo rito nipônico da festa.

Através das fotografias e das leituras sobre as festividades em Maringá-PR e em Campo Grande-MS, nota-se o protagonismo feminino na condução da dança, rito semelhante às práticas originadas no Japão e que se estendem até aqui. O atributo do feminino nas festas do Bon Odori fez parte da análise de Kubota (2008) no contexto da festa em Campo Grande. A discussão sobre a temática precisa ser expandida ao ouvirmos prioritariamente aquelas que estão em seu lugar de fala.

A presença dos *taikos* em todas as festividades é um reflexo do crescimento e fortalecimentos de grupos especializados a tocar estes instrumentos de percussão. É o caso de grupos como “*Wadō*” (Salvador-BA), “*Kawasuji Seiryu Daiko*” (Atibaia-SP) e “*Hikari*” (Londrina-PR). Sobre a contextualização do Taiko no Brasil, considera-se que:

[...] quando falamos de taiko brasileiro, não estamos nos referindo ao originalmente feito lá, pelos japoneses, mas de um taiko que atravessou o oceano e, ao longo das últimas décadas ganhou novas poéticas, acepções e estratégias tipicamente nacionais e regionais, sem perder de vista os seus princípios originais. (GARCIA, 2020, p. 62)

Nos exemplos de Salvador-BA e Goiânia-GO percebe-se que o rito do Bon Odori foi incorporado às demais atividades culturais que conjugam um caráter amplo para serem considerados Festivais de Cultura Japonesa (ainda que no exemplo goianense seja chamado oficialmente de Bon Odori). Com isto, a festa foi alcançando novos status e investimentos para ampliar as possibilidades de realização de atrativos culturais.

Para conduzir esta discussão à sistematização dos elementos representativos, é fundamental entender o significado e a relevância do Bon Odori para as colônias e comunidades que desenvolvem a patrimonialidade sob análise. As pesquisas de Ennes (2001) e Kubota (2008), além das considerações do presidente da Federação Cultural Nippo-brasileira da Bahia (FNCBB), Roberto Mizushima, ajudam a dimensionar essa análise.

Roberto Mizushima comentou a importância do Bon Odori nas cidades de Juazeiro, Mata de São João e Salvador no editorial de um informativo: “[...]a Federação entende que o bon odori é um evento fundamental para a divulgação da cultura nipônica no nosso estado e das atividades desenvolvidas pelos nikkeis da Bahia” (FCNBB, 2017). Essa fala do presidente reforça a identidade étnica que se construiu no estado da Bahia tendo em vista o plano de formação de três colônias para povoar áreas como Una, Ituberá, Mata de São João, Caravelas, Teixeira de Freitas, Santa Cruz Cabralia e Jaguaquara (JORNAL A TARDE, 2021).

Ennes (2001) observou a organização e a realização do Bon Odori em Pereira Barreto-SP na pretensão de entender o *Ethos* daquela comunidade Nikkei. Ele observou que a construção da festa não se dá exclusivamente pela colônia, como também por outras pessoas interessadas na festividade. Ele pondera essa importância na reconstituição da prática simbólica do Bon Odori:

[...]não é apenas a festa que importa para a colônia mas também todo o processo de preparação, que inclui ensaios, fabricação da decoração, venda de anúncios publicitários e o envolvimento de toda a colônia. Nesse momento, também encontramos pessoas de fora da colônia: ajudam na organização da festa, participam dos ensaios. Momento privilegiado do processo de trocas simbólicas de disposições e práticas sociais. Momento de transformação e reafirmação do agente social envolvido. (p. ENNES, 2001)

O Bon Odori Nipo-Brasileiro se desenvolveu para recriar a tradição e ressignificar seus símbolos. É perceptível como as paisagens festivas não revelam uma formação exclusiva por descendentes japoneses, mas também por outros brasileiros, que se interessam em conhecer

e se envolver na festividade sem necessariamente serem adeptos aos significados dos ritos em sua essência budista japonesa.

Em seu trabalho de campo, Kubota avaliou o papel de restauração cultural que a festa representa não só para a comunidade nikkei como também aos demais moradores de Campo Grande - MS:

O Bon Odori seria, portanto, uma tentativa de elo, de ligação da colônia japonesa no Brasil com o país de seus antepassados, mesmo que realizado de uma forma diferente da original. Percebe-se que o que se busca não é a realização da festividade “como ela era no Japão”, mas de uma festa que “os ligue ao Nihon”. Essa ligação é feita no momento em que elementos da cultura japonesa, tais como músicas, danças, comidas e decorações, são incorporados ao evento, apesar de não serem realizados rigorosamente dentro do modelo original. (KUBOTA, 2008, p. 12)

Ao falar sobre a recriação da prática do Bon Odori, Ennes considera a relevância do Bon Odori enquanto parte da identidade cultural na colônia de Pereira Barreto, bem como de sua relação com os demais brasileiros:

Talvez a festa do Bon-Odori é que melhor sintetize as relações entre brasileiros e nipo-brasileiros na cidade de Pereira Barreto. Por meio dela é possível perceber que se a colônia existe como um campo específico, sua existência concreta, no entanto, só se dá nas relações com o outro. Relação que reproduz e mantém a existência da colônia, e, ao mesmo tempo, a modifica e transforma. (ENNES, 2001, p. 1471)

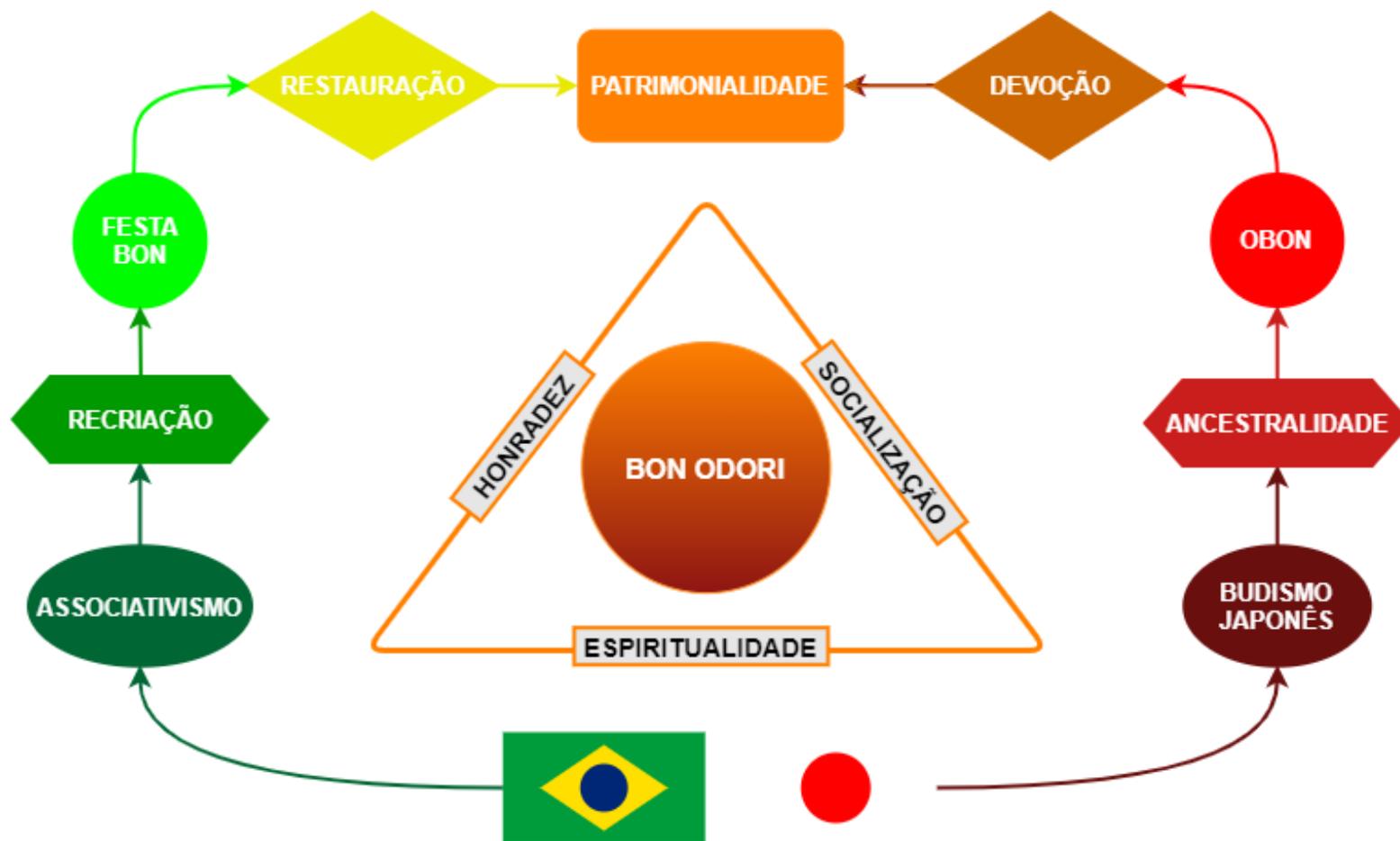
Com isto, a inclusão dos não-descendentes na prática do Bon Odori enaltece o caráter interétnico da prática simbólica contextualizada no solo brasileiro. Avaliando o Bon Odori enquanto rito, Gomes (2020) considera que “a prática da dança transforma a consciência individual, tanto dos nipo-brasileiros como dos não-nipo-brasileiros, em uma consciência coletiva.” (p. 80).

Considerando os estudos de Rosendahl (2018) sobre os espaços sagrados e profanos, depreende-se que o patrimônio imaterial em questão se revela na dualidade do sagrado e do profano na medida em que os aspectos do mundo “não-sagrado” adentram a dimensão afetiva do Bon Odori. Não que os aspectos profanos estivessem ausentes na festa enquanto cultura do universo nipônico. Mas no solo brasileiro, os exemplos evidenciaram a restauração e a adaptação das práticas que compreendem os anseios de cada colônia ou comunidade Nikkei.

Com as informações e reflexões registradas até aqui, o trabalho estabeleceu uma sistematização da festividade que pode ser visualizada através de um mapa cognitivo. Nesta representação, a prática simbólica no Japão (à direita) compreende a devoção inerente ao imaginário estabelecido a partir da fé budista japonesa. Na dimensão nipo-brasileira (à esquerda), a festa é recriada graças ao exercício de incentivo dos grupos comunitários,

estabelecendo o caráter de restauração cultural à dinâmica do Bon Odori brasileiro, sem olvidar dos aspectos da honradez, da socialização e da espiritualidade que se despertam nos símbolos de ambos os contextos territoriais. O mapa cognitivo é representado na figura a seguir:

Figura 19 – Comparativo da patrimonialidade do Bon Odori no Japão e no Brasil.



Fonte: Elaboração do autor.

Este trabalho discorreu sobre as festas Bon Odori no Brasil enquanto expressão cultural Nipo-Brasileira e como outra maneira de reafirmação identitária das comunidades que se estabeleceram pelo Brasil. Muitas delas se unem enquanto associações para a celebração dessas e outras práticas recreativas e religiosas.

Neste percurso metodológico a pesquisa segue conhecendo e refletindo progressivamente sobre uma paisagem simbólica que se estabelece dentro de um país onde tantas outras festas são celebradas. No devido tempo, o Bon Odori assumiu uma grande proporção enquanto um patrimônio intangível da maior comunidade nikkei além do arquipélago nipônico. Uma paisagem cultural, portanto, imprescindível para os estudos geográficos.

3. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO BON ODORI NIPO-BRASILEIRO

A abordagem cultural na Geografia Escolar traz em seu bojo uma discussão intercultural e multidisciplinar. Os procedimentos metodológicos e metódicos exigem o conhecimento do público-alvo para compreender a realidade social dos alunos e saber quais são seus conhecimentos prévios. Obter estas informações para elaborar o plano de ensino é fundamental para que o professor consiga premeditar suas atividades e, assim, promover uma mediação coerente e consistente sobre as paisagens culturais que se pretende abordar.

A pesquisa se deu no exercício do Quarto Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Geografia. Coincidentemente neste período, as escolas brasileiras tiveram de lidar com uma pandemia a nível global ocasionada pelo contágio do vírus SARS-CoV-2. Esta circunstância implicou no regimento de medidas decretadas pelo governo para evitar o contágio do vírus entre pessoas próximas. Com isto, as atividades presenciais nas escolas públicas do Ceará foram suspensas desde março de 2020 até o período da conclusão do estágio e da presente pesquisa.

A ação docente aconteceu durante o primeiro semestre de 2021 nas turmas de primeiro ano da E.E.M.T.I. Renato Braga, localizada no bairro Aldeota em Fortaleza-CE. Todas as aulas aconteceram remotamente através da plataforma virtual Google Meet. Conforme o planejamento realizado no mês de janeiro, a referida turma iniciou o ano letivo estudando os conceitos introdutórios à Geografia tais como: espaço, lugar, sistemas, redes e paisagens (ALMEIDA, RIGOLIN, 2016). Pensando em aprofundar essa temática introdutória e abordar a temática da pesquisa sobre paisagens culturais nipo-brasileiras, optou-se por conceituar e exemplificar a Paisagem trazendo um panorama do patrimônio simbólico no Bon Odori.

O percurso foi planejado visando diagnosticar inicialmente os conhecimentos prévios dos alunos sobre os lugares de suas vivências e o que eles associam à cultura japonesa. Em seguida, estes saberes foram contextualizados a nível nacional, dando enfoque ao Bon Odori para mediar o saber geográfico sobre a dualidade material e imaterial que constitui a paisagem. A metodologia escolhida se justifica pela consciência de que o educando deve primeiramente se situar no espaço geográfico para, então, poder

conhecer e compreender a realidade do outro. É neste sentido que foi estabelecida a relação localidade e alteridade.

O que pode vir à mente do aluno quanto se fala sobre cultura japonesa? Sabe-se que a cultura *pop* japonesa tem influenciado as sociedades de consumos do Brasil através dos *animes*³¹ transmitidos na televisão brasileira desde a década de 1960 (SIQUEIRA, 2009). Com isso, é muito provável que os alunos façam associações sobre a temática que esteja relacionada ao consumo de produtos “*made in Japan*” que fazem parte de suas vivências cotidianas.

Quais são os *animes* que eles assistem? Com quais jogos eletrônicos japoneses eles se divertem? Quais ritmos ou músicas japonesas eles ouvem? O que mais eles conhecem ou sabem que remetem à cultura nipônica? A partir do que os alunos conhecem sobre os produtos culturais do mundo *pop* japonês o professor mediador pode introduzir a discussão sobre patrimônio partindo das interpretações dos alunos sobre a temática, cujos aspectos paisagísticos podem aparentar abruptas diferenças da patrimonialidade brasileira. Diferenças que serão questionadas no conhecimento sobre a paisagem festiva nipo-brasileira.

A prática docente começou com uma entrevista semiestruturada³² (vide apêndice A) realizada pelos alunos. Esta atividade objetivou sondar o conhecimento dos alunos sobre patrimônio cultural. O formulário foi organizado em três seções: perguntas locais (em qual cidade o aluno vive e onde ele morou maior parte de sua vida – caso ele não tenha morado na mesma cidade); perguntas sobre o patrimônio cultural de Fortaleza-CE e sobre a relação Geografia, Festas e Cultura Japonesa/Nipo-Brasileira. Esse questionário pode ser consultado no apêndice A.

Com os resultados do questionário anterior, apresentamos uma aula com o título “Espaço Geográfico: Um espaço de Lugares e paisagens” (vide apêndice C). Nesta aula foram apresentados os conceitos de paisagem, bens culturais e patrimônio cultural a partir do uso das imagens que representam algumas paisagens culturais. A aula começou usando exemplos das paisagens locais (a partir das respostas do primeiro questionário).

³¹ A palavra japonesa *anime* vem do inglês *animation*, designando produções animadas criadas por japoneses como *Dragon Ball Z*, *Naruto*, *Pokemón*, dentre outros.

³² No texto chamamos as duas entrevistas semiestruturadas como “questionário” ou “atividade de sondagem”. A primeira foi realizada no período inicial do semestre letivo e a segunda se deu no período próximo ao encerramento do projeto de pesquisa, perto da finalização do projeto de pesquisa.

Por seguinte, o enfoque espacial foi abrangendo outras paisagens até chegar naquelas que se referem à manifestação cultural do Bon Odori no Brasil.

Em seguida os alunos foram convidados a conhecer um material digital que apresentou um conteúdo visual das paisagens festivas do Bon Odori tanto no Japão como no Brasil. O referido material consistiu na demonstração dos aspectos simbólicos do patrimônio festivo em suas raízes nipônicas até serem expressadas no solo brasileiro por algumas colônias nipo-brasileiras. O desenvolvimento deste material didático será abordado no tópico seguinte.

Após dois meses em que o material didático esteve disponível para visitaçã na rede social *Instagram*, os alunos foram convidados a responder a segunda e última entrevista semiestruturada (vide apêndice B). Desta vez com perguntas mais específicas quanto ao aprendizado sobre paisagens culturais, suas percepções sobre Geografia Cultural e suas opiniões quanto às atividades realizadas no período de aulas exclusivamente remotas.

Sempre preservando a identidade dos alunos, algumas respostas dos dois questionários são divulgadas no segundo tópico para uma breve reflexão sobre a importância do patrimônio cultural simbólico na educação geográfica. No subtópico “Reconhecendo as paisagens dos espaços de vivência”, são apresentadas algumas respostas ao primeiro questionário, gerando as primeiras reflexões, considerando o que foi decidido para a aula, o material didático e a atividade final. Já no subtópico seguinte, “Aprendendo sobre Paisagens Culturais no contexto da Educação Remota”, são avaliadas as respostas ao segundo questionário e a ação docente, possibilitando uma breve reflexão a respeito dos desafios vivenciados durante o período pandêmico no Brasil e sobre a presente pesquisa.

3.1 Exercícios imagéticos: os signos e símbolos das festas Bon Odori no Brasil

Enquanto parte do plano de ensino, o material didático consistiu em um projeto que atentou para o uso de imagens. Essa escolha é justificada pelo significado que cada imagem pode propiciar ao observador em potencial, que no presente caso são os estudantes. O exercício visual sobre uma imagem causa uma interpretação dela mesma,

pois toda imagem proporciona algo que conduz o observador ao pensamento (SAMAIN, 2012). A imagem apresenta outras duas características importantes:

De um lado, o pensamento daquele que produziu a fotografia, a pintura, o desenho; de outro, o pensamento de todos aqueles que olharam para essas figuras, todos esses espectadores que, nelas, “incorporaram” seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e, até, suas intervenções, por vezes, deliberadas. (SAMAIN, p. 23)

Ao relacionar a função da imagem com o que estudamos sobre paisagem cultural, reconhecemos que ambas assinalam a percepção do homem sobre algo, seja um elemento ou a paisagem como um todo. Ambas recebem as percepções humanas pelas quais estão repletas de afetos que são integrantes da ação psicológica. Desta forma, o exercício da imagem sobre a paisagem assinala também o entendimento do imaginário que se expressa em símbolos e signos sobre um determinado lugar:

Considerações a respeito do espaço são importantes para o entendimento das imagens e identidades dos lugares. Para Bachelard, assim como para Merleau-Ponty, o espaço habitado transcende o espaço geométrico e a fenomenologia da imaginação não pode contentar-se com uma redução que transforma as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida. A imagem estabelece-se numa cooperação entre o real e o irreal, pela participação da função do real e da função do irreal. (SERPA, 2019, p.14)

Proporcionar um exercício imagético no ensino de Geografia condiciona o observador a interpretar os espaços representados nas imagens. Quem media este exercício – neste caso, o professor – precisa observar as interpretações que se fazem sobre uma imagem. É importante enfatizar que o exercício imagético não é uma amostra de imagens que desafiam os educandos a decifrar o que eles veem. Pelo contrário, exercícios imagéticos existem enquanto ação do professor para saber quais são as interpretações dos alunos e, assim, seja possível realizar uma discussão sobre o uso de imagens.

Novaes (2011) criticou a corriqueira falha na comunicação das imagens em alguns trabalhos de cunho geográfico. Rose (2013) também verificou o cuidado que é preciso ter ao considerar signos e símbolos numa imagem e tratá-las enquanto verdade “única” para a Geografia. Afinal, equívocos dessa natureza podem acontecer na redação dos currículos escolares, na estruturação dos livros didáticos e até mesmo no proceder metodológico do professor. As imagens são importantes ao ensino de Geografia, mas seu uso precisa estar articulado à comunicação no processo de ensino e aprendizado.

Será que a percepção do aluno na imagem condiz com o que o professor deseja mostrar? Será que a imagem está auxiliando o aluno na compreensão da paisagem?

As respostas a tais perguntas serão apresentadas na práxis docente relatada adiante. Recorreu-se a uma metodologia de ensino no espaço digital considerando que esta é a única opção possível devido ao contexto educacional cujo acompanhamento presencial foi restringido. Desta forma, decidiu-se por apresentar uma aula com o uso de slides que deu enfoque ao uso de imagens e textos no qual o professor utilizou para mostrar exemplos de patrimônio cultural.

Para compor o material didático, foram utilizados fotografias e infográficos como expressões de imagens para a elucidação da temática. Carvalho e Aragão (2012) definem infográfico como um produto que transmite uma mensagem composta por dados cronológicos, espaciais, quantitativos e narrativos que são adaptados para integração de textos, formas e imagens numa mesma representação (p. 166). A infografia tem sido comumente utilizada em matérias jornalísticas, nos livros didáticos e em outros meios para apresentar uma imagem onde os dados são estruturalmente organizados e esclarecidos em sua representação.

Foram elaborados, então, quatro infográficos, separados por assuntos dentro da temática da festa Bon Odori: a primeira como apresentação do projeto, relacionando Geografia e Festas; a segunda como uma apresentação da lenda que conta a história do Bon Odori; a terceira como uma descrição da festividade no Japão; a quarta com um breve histórico sobre a imigração japonesa no Brasil, revelando, a partir disto, os aspectos materiais e imateriais da cultura consolidada no país. As fotografias foram apresentadas próximas aos infográficos como exemplos do conteúdo apresentado.

Estas imagens foram estruturadas para serem consolidadas como o material didático digital. Criou-se, então, um banco virtual de fotos e infográficos sobre o exemplo dessa paisagem festiva. Considerando o enfoque de socialização através da publicação de imagens, o aplicativo escolhido para mostrar o material de fotos e infográficos foi a rede social “Instagram”. Neste aplicativo, o material foi disponibilizado em um perfil que podia ser acessado livremente por qualquer usuário. Entretanto, era necessário que o aluno criasse uma conta para conferir o conteúdo completo, seja pelo aplicativo para smartphones, seja pelo navegador de *internet*. Na identidade visual deste projeto, a logomarca consistiu das palavras Bon Odori, de um símbolo representando o mapa do Brasil e das palavras japonesas traduzidas literalmente como “Bon Odori Brasil”. A logomarca a seguir representa essa identificação utilizada em todos os materiais didáticos:

Figura 20 - identidade Visual do Material Didático

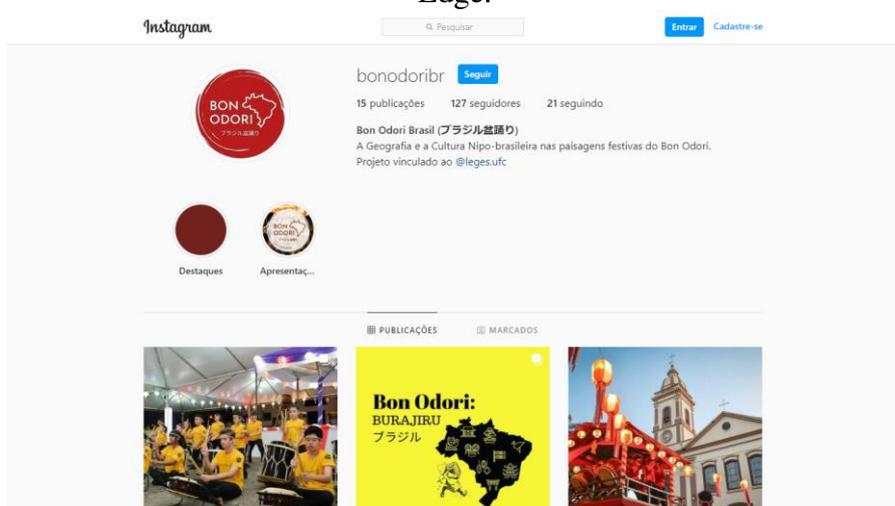


Fonte: Elaboração do Autor (2021).

A estrutura da interface do Instagram compreende três postagens por linhas horizontais. Através desse modelo de estruturação, as publicações foram organizadas em: fotografias nas postagens das extremidades e infográficos na postagem central, como previmos e explicamos anteriormente. A cerimônia do Bon Odori acontece tradicionalmente no período do fim da tarde e no começo da noite e, por isso, foram selecionadas tonalidades de cores que estivessem associadas ao pôr do sol. Assim, essas cores foram colocadas como fundo dos infográficos e da logomarca do projeto:

A apresentação do projeto foi descrita em banners fixados na seção de “Stories” desta rede social, na qual está acessível para qualquer usuário acessar o perfil e conhecer a natureza dele. As figuras a seguir correspondem à interface do perfil no período que os alunos puderam acessá-la para fazer esta atividade:

Figura 21 – Captura de tela do perfil “Bon Odori Brasil” pelo navegador Microsoft Edge.



Fonte: <https://www.instagram.com/bonodoribr/>.

Figuras 22 e 23 – Capturas de tela do perfil “Bon Odori Brasil” pelo aplicativo para smartphone.



Fonte: Instagram.

Os infográficos integraram textos, fotografias e pinturas para uma exposição teórica sobre a festividade e a sua relação com as Paisagens Culturais. As primeiras publicações trouxeram uma descrição do propósito deste material didático. As seis seguintes mostraram fotos e infográficos sobre a tradição do Bon Odori no arquipélago japonês. A postagem “Bon Odori: Raízes #1” apresentou a lenda budista que constitui o imaginário nipônico na expressão cultural. A figura seguinte visualiza o mosaico das imagens que compõem este referido infográfico:

Figura 24 – Mosaico de imagens referentes ao infográfico “Bon Odori: Raízes #1”.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMM5EFOFOCH/>.

A postagem “Bon Odori: Festejos #2” apresentou uma descrição resumida dos elementos mais comuns nos festejos no Japão. A figura seguinte traz outro exemplo de imagem dentro do infográfico apresentado:

Figura 25 – Mosaico de imagens referentes ao infográfico “Bon Odori: Raízes #2: Festejos” #2”.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CM0IDM8h2vi/>.

O terceiro e último infográfico “Bon Odori: Burajiru | Brasil #3” apresentou um conteúdo breve e sucinto sobre a história da Imigração Japonesa no Brasil. A descrição histórica teve o intuito de argumentar a motivação do Bon Odori haver se tornado uma festa popular em diversas cidades brasileiras. Nesta postagem, a leitura progressiva dos textos e imagens buscaram demonstrar a manifestação cultural existente no Brasil. A imagem seguinte exemplifica a ponte entre o assunto sobre Imigração Japonesa e o Bon Odori no solo brasileiro:

Figura 26 – Mosaico de imagens referentes ao infográfico “Bon Odori: Burajiru #3”.

Bon Odori: BURAJIRU ブラジル



BON ODORI
77777777

#3

No dia 18 de junho de 1908, desembarcavam no porto de Santos, em São Paulo, cerca de 780 japoneses que decidiram por uma nova vida longe de sua terra natal. Era a concretização de um acordo diplomático que lidava com a alta densidade demográfica no Japão e a escassez de mão-de-obra no Brasil.



Esses imigrantes não sabiam, mas foram eles os protagonistas do novo capítulo na história da formação étnica brasileira.

BON ODORI
77777777

#2

O tratado entre os dois países foi firmado em 1895 em Paris. A Companhia Imperial de Emigração Japonesa passou, então, a divulgar propagandas e discursos que incentivavam a imigração para o país das oportunidades.



Houve a ideia de que no Brasil o trabalho nas árvores de ouro dariam um lucro cinco vezes maior que os trabalhos japoneses. Muitos aceitaram a proposta já imaginando que não custariam a voltar para sua terra natal com melhores condições financeiras.

BON ODORI
77777777

#3

No entanto, a realidade vivida nos cafezais não foi o que outrora se imaginava. Os relatos das primeiras famílias a chegar no Brasil e trabalhar nos cafezais indicavam um sistema de trabalho análogo à semiescravidão.



Mesmo com a chegada de 190.000 imigrantes até o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, muitos japoneses ainda viveram situações decorrentes da xenofobia e do preconceito por parte de grupos políticos e de intelectuais brasileiros.

BON ODORI
77777777

#4

Outro momento desafiador se deu na Segunda Guerra Mundial em 1941 quando os militares japoneses atacaram a base estadunidense Pearl Harbor no Havaí. Sob a presidência de Getúlio Vargas, o Brasil se aliou aos Estados Unidos e manteve políticas de controle e de restrições à comunidade Nikkei no Brasil.



O governo brasileiro tomou diferentes medidas que descrevem a perseguição, seja confiscando os rádios dos imigrantes, fechando as escolas de educação japonesa e proibindo quaisquer conversações que não fossem em português.

BON ODORI
77777777

#5

As notícias sobre os bombardeios em Hiroshima e Nagasaki em 6 de agosto de 1945, além da rendição do Japão nesta guerra abalaram as famílias de imigrantes em todo o país, que aos poucos foram informados dessa situação quase que inacreditável.



E diante das fragilidades vividas no outro lado do planeta, muitas famílias guardaram a ideia de regressar ao território nipônico. Muitas famílias passaram a investir na educação dos filhos e estabelecendo moradia permanente em terras brasileiras.

BON ODORI
77777777

#6

Aos poucos, os nipo-brasileiros foram se inserindo na comunidade brasileira. Aos poucos, diversas comunidades se reestabeleceram, se fortaleceram e conquistaram reconhecimento no país.



Por meio do protagonismo cultural, diversas Associações nipo-brasileiras passaram a realizar eventos que alcançaram potencial turístico, com apoio público e privado. É neste período que Festivais como o Bon Odori iniciam a sua consolidação no Brasil.

BON ODORI
77777777

#7

Com o apoio de grupos de dança e de Taiko, os festivais Bon Odori trazem a construção e a percepção de diferentes comunidades Nikkeis sobre suas raízes. Mesmo assim, as paisagens culturais do Bon Odori revelam semelhanças ao observarmos o Obon Matsuri do Japão (Postagem #2).



É o caso de festivais celebrados nas cidades de Registro, Londrina, Campo Grande, Atibaia, Manaus, Salvador, Tomé-Açu, Recife etc.

BON ODORI
77777777

#8

Como um elemento indispensável à Geografia, a cultura influencia a relação do homem com a terra. As diferentes paisagens nos permitem sentir os aspectos dessa relação sobre os espaços vividos.



O Festival Bon Odori é um forte exemplo que nos ajuda a conhecer os espaços onde os imigrantes foram chegando e ficando suas raízes. O Brasil é o país que contempla a maior comunidade Nikkei do mundo fora do Japão. Símbolos culturais do universo nipônico estão mais próximos do que nós imaginamos.

BON ODORI
77777777

#9

GLOSSÁRIO:
Burajiru (ブラジル) Brasil
Nikkei (日系) (de) descendência japonesa.
Fonte: Jisho.org (tradução livre)

NOTAS:
1 É importante lembrar que a Lei Áurea foi promulgada no ano de 1888 e a libertação dos escravizados se deu gradualmente em todo o território brasileiro. Rotações culturais de escravizado que perdurou por tantos séculos ainda se revela, na maneira como foram tratadas as famílias dos imigrantes japoneses aos cafezais.
2 A discussão teórica está referenciada nas obras de "Haine: Raízes", "Imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas" e o documentário "Ultrapassando Fronteiras - Os 120 anos de Japão e Brasil". Referência completa nos stories fixos.
3 Visando fins didáticos para os estudos em Geografia Humana, selecionamos algumas informações históricas pertinentes para abordarmos a história da formação social nipo-brasileira.

Texto elaborado por Kevin Ferreira para o Instagram Bon Odori Brasil. Algumas imagens ilustrativas são licenciadas pelo Canva.

BON ODORI
77777777

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNTfYS3LYiH/>

É importante lembrar que as fotografias ao lado dos infográficos estão relacionadas ao conteúdo ministrado. Por exemplo: a fotografia à direita do infográfico “Bon Odori: Festejos #2” mostra o yagura de um Bon Odori que aconteceu na cidade japonesa de Nagano.

Após o tempo de visualização do material didático, a pesquisa foi encaminhada para a sua conclusão solicitando aos alunos que eles respondessem ao segundo e último questionário (ver Apêndice B) no qual foi solicitado que descrevessem suas perspectivas a respeito das imagens e dos infográficos no material didático. Foi questionado, também, a qualidade do ensino remoto, dos recursos digitais usados diariamente e o que eles acharam sobre o material didático elaborado.

3.2 Reflexões sobre o estudo das paisagens simbólicas Nipo-Brasileiras

Apresentamos nesta seção os resultados e as reflexões da presente pesquisa a partir da análise sobre as respostas dos alunos aos dois questionários respondidos pelas duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Ambos os questionários foram desenvolvidos para o Quarto Estágio Supervisionado e para a pesquisa docente, podendo ser consultados nos Apêndices A e B do presente trabalho.

É importante salientar que a ação docente no ensino remoto dificultou o acompanhamento nos estudos dos alunos da escola onde foi feita a pesquisa com os estudantes. Apesar dos comunicados semanalmente enviados durante as aulas de Geografia, um número considerável de alunos não respondeu às atividades dentro do prazo estipulado. Serão apresentadas algumas reflexões sobre essas e outras experiências da docência ao final deste capítulo.

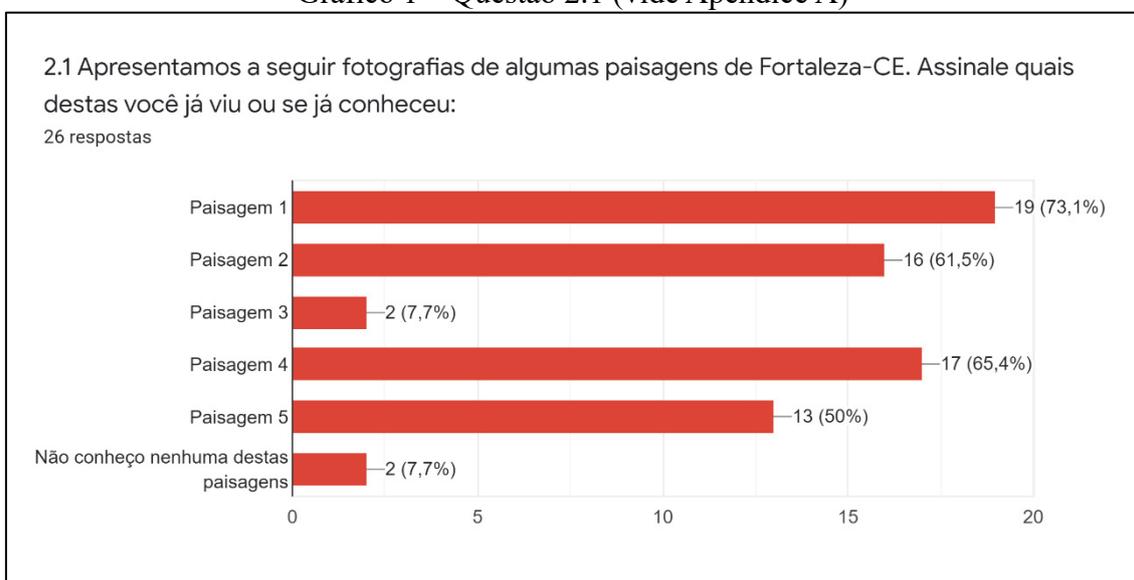
3.2.1 Reconhecendo as paisagens dos espaços de vivência

O primeiro questionário, “Atividade de Sondagem” (vide Apêndice A), foi disponibilizado ao público-alvo no começo do semestre letivo no intuito de saber qual a cidade de vivência dos alunos e das alunas para avaliar o que eles sabiam quanto ao patrimônio cultural em Fortaleza-CE. O mesmo questionário também apresentou algumas questões que pediam a opinião dos alunos sobre a relação Geografia e Festas. Vinte e seis alunos responderam a essa atividade dentro do prazo combinado. A seguir, apresentamos a menção dos enunciados das questões e das respostas dos estudantes.

Foi questionado se eles residem na cidade de Fortaleza-CE (questão 1.4) e, se sim, há quanto tempo eles vivem lá (questão 1.6). Todos os alunos responderam que residem nesta cidade. Dezenove relataram que Fortaleza é a cidade que vivem desde que nasceram. Outros seis alunos responderam que foram morar há mais de cinco anos e apenas um afirmou que passou a morar recentemente na capital cearense (há menos de um ano). Essas perguntas foram necessárias para serem analisadas junto às questões sobre patrimônio cearense.

Na questão 2.1 foram mostradas fotografias de cinco paisagens de Fortaleza-CE. Tais fotos correspondiam a quatro exemplos de patrimônios materiais e um exemplo de patrimônio natural. Os exemplos escolhidos foram: a Catedral Metropolitana de Fortaleza, o Hotel Excelsior, o Teatro José de Alencar, a Estátua de Nossa Senhora de Fátima e o Parque do Cocó. As fotografias foram exibidas sem seu nome, apenas descritas como Paisagem 1, Paisagem 2 etc. O intuito dessa pergunta foi avaliar o reconhecimento dos alunos quanto às paisagens da capital cearense. O gráfico a seguir nos revela o quantitativo de respostas a esta questão:

Gráfico 1 – Questão 2.1 (vide Apêndice A)



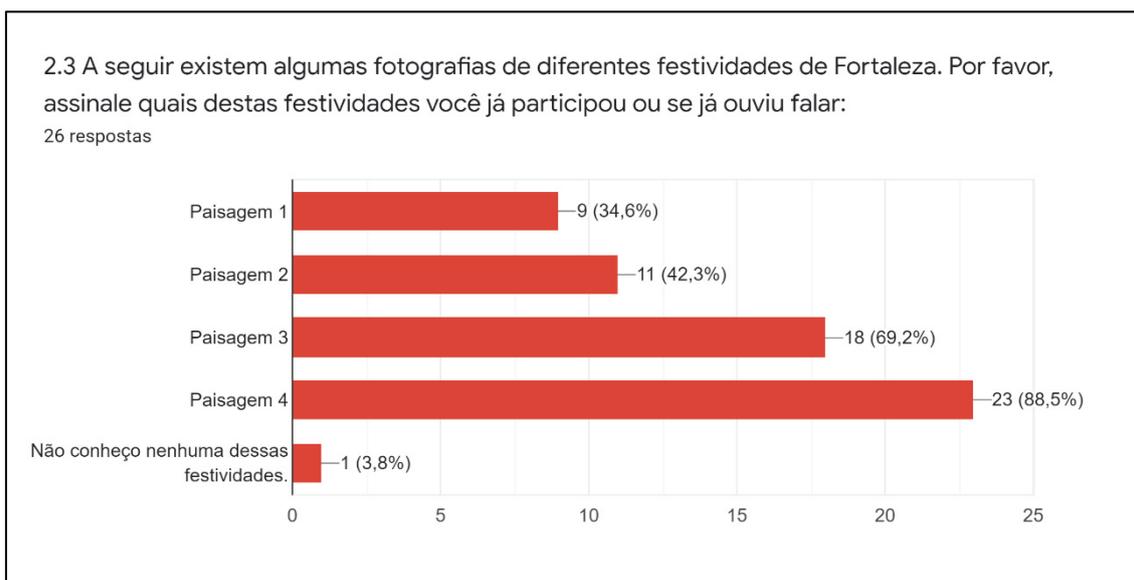
Fonte: Elaboração do Autor (2021).

Com o gráfico acima, observa-se que a imagem mais reconhecida foi a “Paisagem 1” que corresponde à Catedral Metropolitana de Fortaleza. Dezesete alunos reconheceram a “Paisagem 4” (Estátua de Nossa Senhora de Fátima), dezesseis reconheceram a “Paisagem 2” (Hotel Excelsior) e outros treze a “Paisagem 5” (Parque do Cocó). Apenas 2 reconheceram a Paisagem 3, correspondente à entrada do Teatro José de

Alencar (Paisagem 3) e outros 2 alunos(as) responderam que não conheciam nenhuma das paisagens das figuras mostradas.

Seguindo o mesmo intuito de diagnosticar o conhecimento dos estudantes sobre patrimônio local, na questão 2.3 foram mostradas algumas fotografias de eventos tradicionais em Fortaleza. Os exemplos selecionados foram “Caminhada com Maria”, o Maracatu Cearense, o Clássico-Rei e o Reveillon na Beira-Mar de Fortaleza. A partir das respostas, foi verificado que a paisagem cultural mais reconhecida pelos alunos(as) foi o Réveillon na Beira-Mar de Fortaleza. O “Clássico-Rei” foi a segunda paisagem mais reconhecida, seguida do Maracatu de Fortaleza. “Caminhada com Maria” foi a festa menos reconhecida entre os que responderam o questionário. Um(a) estudante alegou que não conhecia nenhum dos eventos retratados nas figuras mostradas. O gráfico a seguir mostra a visualização das respostas submetidas:

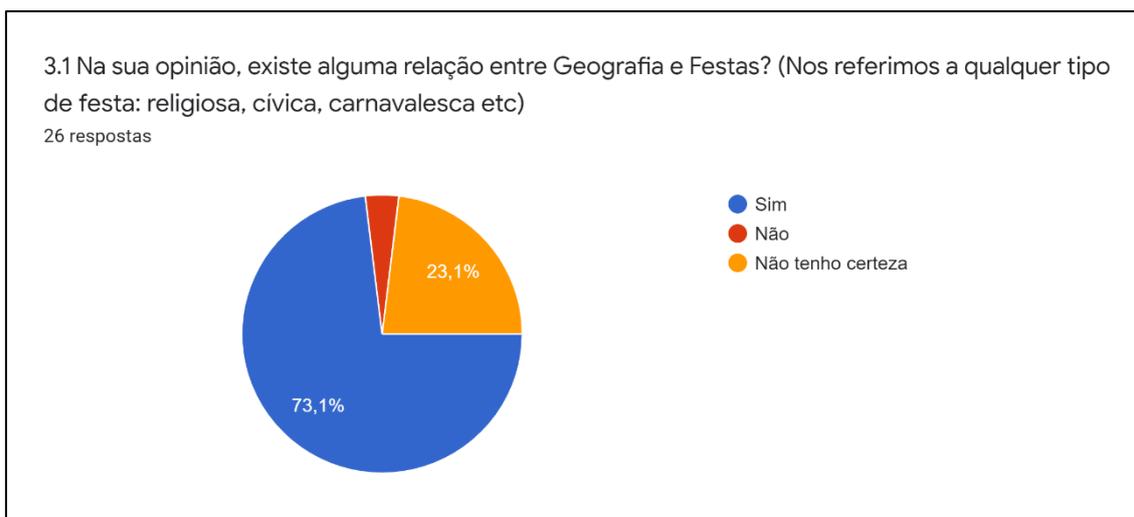
Gráfico 2 – Questão 2.3 (Apêndice A)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Na questão 3.1 do mesmo formulário, foi elaborada a seguinte pergunta: “Na sua opinião, existe alguma relação entre Geografia e Festas? (faz-se referência a qualquer tipo de festa: religiosa, cívica, carnavalesca etc)”. Dezenove alunos(as) responderam “Sim”, outros seis responderam “Não tenho certeza” e apenas um(a) respondeu “Não”. O gráfico a seguir distribui melhor estes dados:

Gráfico 3 – Questão 3.1 (Apêndice A)



Fonte: Elaboração do autor (2021)

Na questão 3.2 foi solicitado que os alunos escolhessem uma das frases que indicavam opiniões sobre os estudos culturais na Geografia. 19 alunos escolheram a assertiva “Sim, penso que estudar culturas na Geografia pode ser muito importante.” Outros 6 alunos escolheram a afirmação “Eu não sei, mas estou curioso(a) em saber quais relações podem existir entre Geografia e Cultura.” O gráfico a seguir traz a estimativa dessas respostas:

Gráfico 3 – Questão 3.2 (Apêndice A)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Em uma das últimas questões, uma fotografia do festival Bon Odori em Atibaia-SP (ver Apêndice A) foi mostrada. Após a exposição dessa figura, perguntamos aos alunos onde a festa, representada nesta imagem, pode ser celebrada. Considerando as

alternativas apresentadas, 12 alunos responderam que a festa da imagem é realizada somente no Japão. Outros 11 responderam que ela acontece somente no Brasil. Outros 3 responderam que tal festividade pode acontecer em ambos os países. O gráfico a seguir consta o índice dessas respostas:

Gráfico 4 – Questão 3.3 (Apêndice A)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Contemplada as respostas dos alunos, percebe-se que existe um relativo conhecimento deles sobre o patrimônio cultural da sua própria cidade. A maioria afirmou que reconheceu a Catedral de Fortaleza, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima e o Hotel Excelsior localizado na Praça do Ferreira. Por outro lado, poucos reconheceram a frente do Bloco de entrada do Teatro José de Alencar. Apesar que este teatro é um dos principais cartões postais da cidade de Fortaleza, a imagem mais divulgada sobre este Teatro é a frente da Sala de Espetáculos do Pátio Nobre, que fica na parte interna do espaço cultural.

A alta popularidade do Réveillon na Beira-Mar de Fortaleza e da partida de futebol conhecida como “Clássico-Rei” pode justificar o reconhecimento da maioria dos alunos pelas imagens mostradas. Nos últimos dez anos o Réveillon na Beira-Mar chamou a atenção dos noticiários nacionais pela densa popularidade festiva, chegando a concorrer com festas de virada de ano tão significativas como a do Rio de Janeiro-RJ. As partidas de futebol entre os times “Fortaleza Esporte Clube” e “Ceará Esporte Clube” são intensamente aguardadas por torcedores de todo o território cearense e acompanhadas pelos noticiários locais e pelas emissoras de rádio e TV que competem para ter os direitos de transmissão dos jogos.

Quanto ao reconhecimento dos alunos sobre o Maracatu Cearense, podemos pensar sobre a visibilidade carnavalesca numa cidade onde a sua intensidade festiva não é a mesma como existe (atualmente) em Aracati-CE, Olinda-PE, Salvador-BA ou Rio de Janeiro-RJ. É certo que este cenário pode ser alterado no decorrer dos anos por vários fatores. Contudo, é possível pensar o baixo reconhecimento da maioria dos alunos pelo Maracatu Cearense pelo desconhecimento da festa como pela preferência a outras festas carnavalescas localizadas em cidades próximas ou distantes da capital cearense.

A Caminhada com Maria é uma festividade religiosa, organizada e realizada pela Arquidiocese de Fortaleza desde o ano de 2003. Nela, uma multidão de fiéis percorre cerca de 12,5 quilômetros para celebrar a padroeira de Fortaleza, Nossa Senhora de Assunção. É uma das procissões religiosas mais conhecidas de Fortaleza-CE nos últimos anos. Apesar disso, a maioria dos alunos não reconheceu esta festa pela imagem apresentada. Os motivos para tanto pode ser a baixa divulgação do evento pelas mídias digitais, a caracterização da imagem apresentada no questionário (cujos símbolos mostrados não ajudaram na associação com a “Caminhada com Maria”) ou até mesmo a não-identificação de outros grupos fortalezenses com a fé católica.

Entende-se, portanto, que os trajetos urbanos, os passeios turísticos, as práticas religiosas, turísticas e recreativas refletem as diversas maneiras de conhecer as paisagens culturais. Além disso, os espaços virtuais se tornaram uma fonte de informação capaz de dar visibilidade ao patrimônio cultural. Mesmo que os espaços digitais proporcionem uma experiência limitada e diferente de uma visita presencial ao conhecer expressões materiais e imateriais, a difusão do patrimônio cultural na internet auxilia no conhecimento que cada pessoa passa a ter sobre os lugares.

Uma parte expressiva dos alunos concordou que existe uma relação entre Geografia e Festas. Com isto, foi visto que a abordagem sobre patrimônio cultural com os alunos poderia ser bem sucedida. Assim, alguns dias após a entrega do questionário A respondido, foi apresentada uma aula sobre o conceito de paisagem geográfica. Os mesmos exemplos de paisagens culturais de Fortaleza, presentes no questionário, auxiliaram na discussão entre o professor e os alunos sobre o que eles conheciam de sua própria cidade. Foi estabelecido, então, um diálogo sobre paisagens culturais na

finalidade de ajudá-los no discernimento geográfico sobre a interculturalidade brasileira (vide Apêndice C)³³.

As respostas à questão 3.3 confirmam uma das preocupações da pesquisa: apenas três alunos supõem que a imagem apresentada se tratava de uma festa que pode acontecer tanto no Japão como no Brasil. Para que os demais alunos pudessem entender a possibilidade de entender as novas expressões culturais em outros territórios, foi escolhido tratar de fluxos migratórios, de expressões culturais em suas origens e de territorialidades estabelecidas. Tudo isso sendo contextualizado na temática patrimonial do Bon Odori.

Após a discussão sobre as paisagens da cidade onde os alunos moram, a abordagem transitou do nível local para o nível alterno. O enfoque prosseguiu para o exemplo patrimonial nipo-brasileiro refletido nas festas Bon Odori. Pensando em possibilitar uma compreensão ampla sobre patrimônio cultural nipo-brasileiro, a abordagem da aula se deu numa análise histórica sobre a Imigração Japonesa no Brasil e sobre a festa Bon Odori. Uma das fotografias utilizadas para descrever a paisagem do Bon Odori foi a mesma utilizada na questão 3.3 (vista anteriormente). O intuito do uso dessas imagens consistiu em promover a discussão e sanar dúvidas sobre a possibilidade de recriar práticas culturais, compreendendo o que pode ser chamado como patrimônio brasileiro ou japonês.

É importante esclarecer que outras abordagens são possíveis de serem utilizadas, mas optou-se por aquela que conduziu os alunos a uma compreensão histórico-geográfica da referida temática. Foi dada a oportunidade de compreender um patrimônio que se revela através do outro. Assim, tanto no cumprimento da aula como no uso do material digital, a preocupação consistiu em expressar a inserção cultural e a multiculturalidade do Brasil com uma discussão voltada à história da Imigração Japonesa no Brasil e à patrimonialidade imaterial através das festas. Como exercício avaliativo desta aula, os alunos foram convidados a acessar o conteúdo de infográficos e fotografias da página “Bon Odori Brasil” no Instagram e responder ao segundo e último questionário online, encerrando as atividades do que fora planejado para o Estágio Supervisionado.

³³ É importante salientar que esta aula foi uma das primeiras realizadas no começo do ano letivo. Nisto, os principais conceitos geográficos ainda estavam sendo discutidos de maneira introdutória. Apenas o conceito de paisagem teve um aprofundamento mais específico em decorrência da pesquisa educacional que se sucedeu.

3.2.2 Aprendendo sobre Paisagens Culturais no contexto da Educação Remota.

O segundo questionário intitulado “Geografias e Paisagens Culturais” (vide Apêndice B) foi elaborado com algumas perguntas sobre a temática discutida na aula e sobre o conteúdo da página “Bon Odori Brasil”. As perguntas tiveram a finalidade de avaliar o aprendizado sobre o conceito de paisagem geográfica e sobre as manifestações culturais no Brasil. Algumas perguntas finalizaram o questionário no intuito de saber como eles estavam lidando com os estudos em meio ao período de restrições escolares. É importante lembrar que algumas perguntas deste questionário foram elaboradas exclusivamente para os registros do Estágio Supervisionado. Portanto somente algumas questões foram selecionadas para este trabalho.

Começando esta análise pela segunda pergunta, foi solicitado que os alunos escolhessem a afirmação que considerassem a mais coerente no que diz respeito à relação do homem com suas práticas culturais no espaço. Tratando-se de uma questão de múltipla escolha, o aluno poderia escolher uma afirmativa entre as três seguintes:

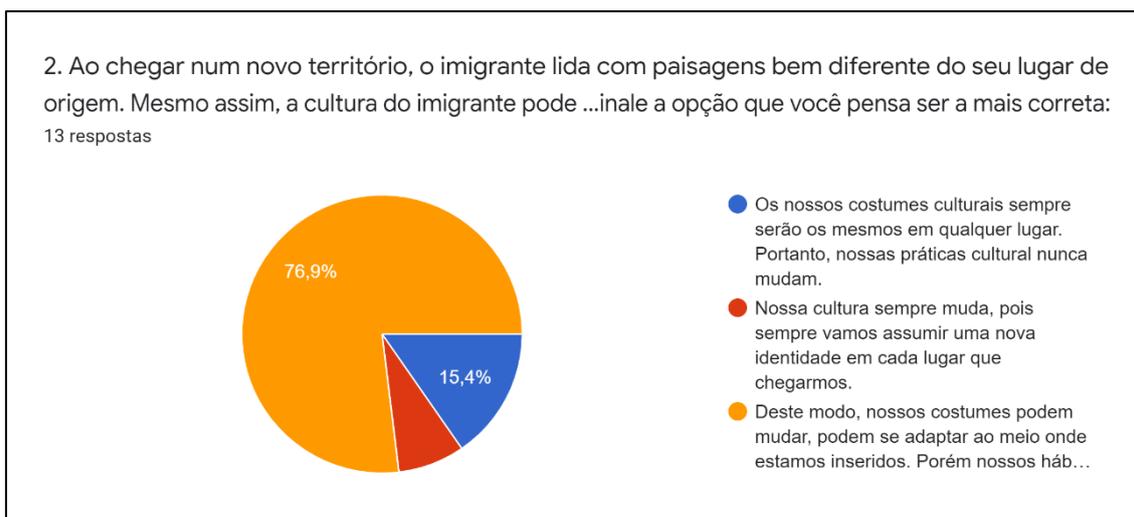
“a) Os nossos costumes culturais sempre serão os mesmos em qualquer lugar. Portanto, nossas práticas culturais nunca mudam.”

“b) Nossa cultura sempre muda, pois sempre vamos assumir uma nova identidade em cada lugar que chegarmos.”

“c) Deste modo, nossos costumes podem mudar, podem se adaptar ao meio onde estamos inseridos. Porém nossos hábitos culturais podem se manter resistentes com o passar do tempo, pois cada um de nós tem sua própria identidade cultural.”

A estatística das respostas submetidas está visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Questão 2 (Apêndice B)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Dez alunos (a maioria) optaram pela afirmação (c). Outros dois alunos escolheram a opção (a) e apenas um aluno escolheu a (b). Na discussão sobre as paisagens na aula, foi verificado com os alunos que a identidade cultural de cada pessoa pode ser definida como o resultado das vivências nos espaços, das relações com os grupos sociais e das percepções sobre o mundo. Com a resposta da maioria dos alunos à assertiva (c), se pressupõe que a mediação dos conhecimentos abordados foi bem sucedida.

Na questão seguinte, também de múltipla escolha, foi solicitado que os alunos escolhessem uma das três afirmações quanto à importância de preservar um patrimônio cultural. Apresentamos a seguir as três afirmações e, em seguida, o gráfico correspondente à questão:

“a) A importância consiste em valorizar e preservar os ambientes físicos e as práticas imateriais que são carregadas de valores, significados, carregando em si a história de civilizações, populações e grupos sociais.”

“b) A importância consiste somente em movimentar o turismo, ou seja, agradar os visitantes turistas com cenários, comidas, músicas e outros atrativos culturais.”

“c) A importância consiste em não alterar nada dos espaços nem alterar as tradições culturais. Por exemplo, um prédio histórico não pode ser restaurado, assim como uma festa popular protegida deverá ser a mesma na sua forma de realizar a festa.”

Gráfico 6 – Questão 3 (Apêndice B)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Nove alunos (a maioria) escolheram a assertiva (a). Outros três alunos optaram pela (b) e apenas um pela assertiva (c). De fato, foi conversado com os alunos que o patrimônio cultural conserva a história e a identidade dos espaços. Então vimos que a maioria dos alunos optou pela opção correta. Considerando que outros três alunos escolheram assertivas incorretas, foi realizada uma discussão para sanar possíveis dúvidas sobre a temática no último dia de atividades do Estágio Supervisionado na escola.

Foi esclarecido que o patrimônio se relaciona com o turismo. Mas existem outros fatores que podem atribuir valor patrimonial às manifestações culturais. Foi esclarecido também que algumas práticas culturais podem ser recriadas e ressignificadas. Para compreender isto, fizemos a análise das festas Bon Odori no Brasil, cujas práticas foram recriadas conforme as condições e as intenções de cada comunidade Nikkei. Não existe a ideia de imitar um festival japonês para o território brasileiro. Pelo contrário, o intuito é preservar a memória, entendendo que os nipo-brasileiros possuem suas raízes culturais originadas na Terra do Sol Nascente, mas isso não intervém no fato de que todos eles são brasileiros. Se vimos que as práticas do Bon Odori ainda são recriadas e reimaginadas em diferentes cidades no Japão, da mesma forma acontece no Brasil.

Na quarta questão, foi solicitado que os alunos descrevessem os elementos visuais do Bon Odori a partir do que foi visto nas fotografias do material didático digital.

Em seguida foi pedido que expusessem suas opiniões sobre a prática desta festa no Brasil. Onze das treze respostas que obtivemos são apresentadas a seguir³⁴:

“A influência clara dos imigrantes, como nas: vestes e na ambientação da festividade, além de musicais ritualísticas ou festivas, típicas dos orientais (principalmente os japoneses), particularmente parece divertido e bastante único se comparado as demais festividades nacionais e a "cultura primaria", (latino americana)”
(Relato 1)

“Todas as fotos tem muitas luzes, lamparinas penduradas e espalhadas por todos os cantos (luzes essas que me lembraram das luzes do filme enrolados). Achei muito bonito e interessante e diferente também de todas as manifestações culturais que eu vi e tinha conhecimento aqui no Brasil” (Relato 2)

“As grandes lamparinas com letras japonesas nelas representadas, a roupa das pessoas e o palco de centro presente sempre ligado pelas lamparinas. Achei muito interessante e diverso, o Brasil é um país que é miscigenado de várias culturas e trazendo essa festa para o Brasil intensifica mais o nosso conhecimento como brasileiros e neles em se sentirem bem recebidos aqui.” (Relato 3)

“Os elementos visuais q existem em comuns são os traços japoneses q essas festas trouxeram para o Brasil” (Relato 4)

“As luzes e decorações são bem semelhantes, interessante pois não só eles podem nos ensinar coisas novas como nós podemos aprender mais sobre uma nova cultura.” (Relato 5)

“Movimentação cultural Opinião:Pelo meu ponto de vista,acho extremamente interresante,pois o povo brasileiro em si está disposto a conhecer culturas novas.”
(Relato 6)

“A mistura de tradições brasileiras e japonesas, achei uma boa forma de representar as raízes dos japoneses” (Relato 7)

“As luzes e decorações são bem semelhantes, interessante pois não só eles podem nos ensinar coisas novas como nós podemos aprender mais sobre uma nova cultura. As roupas, enfeites, danças... Eu achei bem legal, pois esse tipo de cultura pode servir pra

³⁴ Duas respostas foram desconsideradas por retratarem textos idênticos retirados de sites de notícias.

que outras pessoas vejam e aprendam mais sobre culturas japonesas e outras culturas.”

(Relato 8)

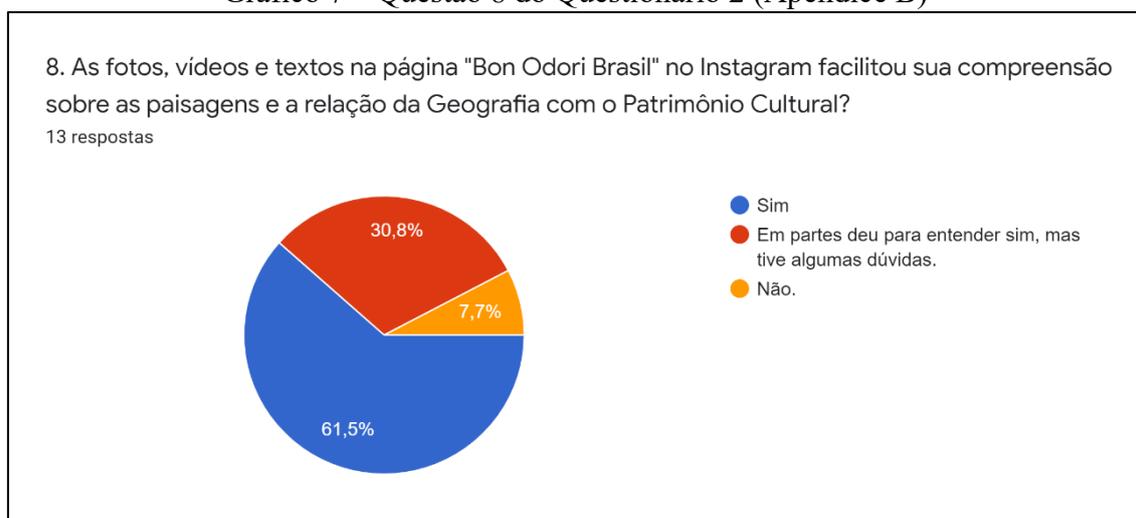
“Pessoas utilizando yukata e "lanternas" penduradas em fios.Seria bom se fizessem mais eventos assim” (Relato 9)

“Elementos que mostram a cultura Japonesa no Brasil. Legal” (Relato 10)

“Bem bonita” (Relato 11)

A respeito do material didático elaborado, foi questionado se as fotos, vídeos e textos do "Bon Odori Brasil" facilitaram a compreensão sobre as paisagens e a relação da Geografia com o Patrimônio Cultural. Oito alunos responderam que sim; 4 responderam “Em partes deu para entender sim, mas tive algumas dúvidas”. Apenas um(a) aluno(a) respondeu que não. No gráfico a seguir apresentamos a visualização destas respostas:

Gráfico 7 – Questão 8 do Questionário 2 (Apêndice B)



Fonte: Elaboração do Autor (2021)

Seguindo para a questão 11, foi feita a seguinte pergunta: “Ficou alguma dúvida quanto ao que estudamos sobre este assunto [Paisagens Geográficas]? Houve uma compreensão melhor sobre a temática? O que você achou das atividades promovidas pelo professor estagiário?” Onze das treze respostas são disponibilizadas a seguir³⁵:

³⁵ Duas respostas foram desconsideradas por não fazer sentido à pergunta realizada: uma resposta trazia uma cópia do texto referente ao enunciado da questão; a outra resposta trazia frases idênticas de um texto verificado num site sobre assuntos escolares.

"Achei tudo ótimo, os slides eram claros e ato explicativos, as aulas foram divertidas e sinceramente foi a melhor matéria que eu já estudei em geografia e eu gostei das atividades sim, porque faz a gente parar e formular a própria opinião com base nos fatos nos apresentados, e nos da a chance de aprender mais nos fazendo dizer a nossa opinião" (Relato 1)

"Sobre as aulas eu acho que está sendo regular, pois a maioria dos professores não da pra entender oq eles falam, pq alguns falam muito rápido e outros não explicam direito nos slides" (Relato 2)

"Não fiquei em dúvida, as atividades ajudaram muito para fixar os temas e as atividades foram bem elaboradas." (Relato 3)

"Não ficou nenhuma dúvida sobre o assunto. A temática é bem legal e as atividades também" (Relato 4)

"Achei tudo excelente, pretendo melhorar meu desempenho na matéria e na escola." (Relato 5)

"Gostei desse assunto abordado e da maneira como foi ensinado." (Relato 6)

"Não, sim com a ajuda da página no Instagram achei legal" (Relato 7)

"Nenhuma, mas obrigado pelo questionamento..." (Relato 8)

"Ficou não. Sim. Eu achei bem legais." (Relato 9)

"Não. Sim. Boas." (Relato 10)

"Muito boas" (Relato 11)

Antes de dar segmento a análise das respostas dos estudantes, é importante notar que apenas treze alunos responderam ao segundo questionário. Apesar do prolongamento do prazo de entrega e das insistentes solicitações do professor para que os alunos respondessem à esta atividade, menos da metade dos alunos o responderam³⁶. Para

³⁶ Não houve autorização para o contato direto com os alunos. Conforme o que foi acordado com a gestão escolar, somente o professor titular poderia entrar em contato com os alunos, atuando enquanto mediador entre o estagiário e os alunos. Até o fechamento deste trabalho, a gestão e o professor da escola não informaram quais motivos para a ausência de respostas de vários alunos no segundo questionário (vide Apêndice B).

a presente pesquisa, era importante contemplar a resposta de mais da metade dos alunos que integram o Público-Alvo. Apesar do ocorrido, as avaliações para a pesquisa continuaram valendo das respostas ao primeiro e segundo questionário. Porém, tornou-se significativo analisar o contexto escolar existente durante o período de pandemia, quando a modalidade de ensino remoto foi temporariamente obrigatória. As reflexões sobre as instâncias educacionais são colocadas adiante:

Diante do que foi observado no contexto escolar, é perceptível que a pandemia ocasionada pelo vírus Sars-CoV-2 é uma das causas que afetam diretamente e indiretamente não só o trabalho docente como toda a ação pedagógica planejada e pensada por todas as esferas educacionais. Desde o começo da pandemia, os gestores educacionais precisaram assumir o desafio de administrar a escola e acompanhar os alunos à distância. Os professores passaram a lidar com tantas outras dificuldades adaptando suas metodologias de ensino ao ambiente virtual e encorajando os alunos a participarem das aulas, apesar da realidade social e econômica de cada indivíduo. Os estudantes também foram prejudicados não só por um sistema escolar que foi abruptamente adaptado como por uma realidade de incertezas diante do aumento alarmante de casos infecciosos de COVID-19 no Brasil.

Apesar do percurso metodológico escolhido para facilitar o acesso dos alunos ao material didático, cogitando seus estudos em condições minimamente desejáveis, o ensino online continuou sendo descrito como desafiador. Diante dos relatos dos treze estudantes no segundo questionário, é possível verificar as dificuldades, as preocupações e até mesmo as frustrações em continuar os estudos nas devidas circunstâncias. Nove relatos são apresentados a seguir³⁷:

“Infelizmente não irei da uma resposta tão boa, mais tem sido péssimo aula online, pois não é a mesma coisa está frente a frente com os professores, sinto que meu reconhecimento está parado.” (Relato 1)

“Tem sido cansativo solitario chato resumindo os dias estão se repetindo como se fosse uma mesmice acordar,lanchar,estudar,almoçar,estudar,fazer tarefa e dormir” (Relato 2)

³⁷ A questão citada obteve 11 respostas. Mas duas delas foram desconsideradas por provavelmente haverem sido copiadas de um site da internet. Dois alunos(as) não responderam a esta questão.

“Bastante cansativo, particularmente fico desorientado, minha rotina sem ir a escola me faz sentir meio vazio...mas fora isso até que dá para aguentar, é como se fossem férias onde tem trabalhos e aulas de reforço, quase como se o ano inteiro você estivesse de recuperação...e é como se não pudesse fazer nada, o dia inteiro...” (Relato 3)

“Tem sido bem cansativo na maior parte do tempo, isso porque é mais difícil se concentrar, se disciplinar, e até aprender parece que se tornou mais difícil, e tem sido um saco lidar com o fato de eu não me sentir tão produtiva e empenhada do que eu gostaria” (Relato 4)

“Tem sido cansativo demais, mesmo com a experiência em 2020, esse ano passou a ser um pouco mais difícil tanto na compreensão de alguns estudos quanto organização e saúde psicológica, ainda está sendo um desafio.” (Relato 5)

“Eu não gosto muito porque nas aulas presenciais agente aprende melhor, por mais que os professores se esforcem muito nas presenciais sempre serão melhores” (Relato 6)

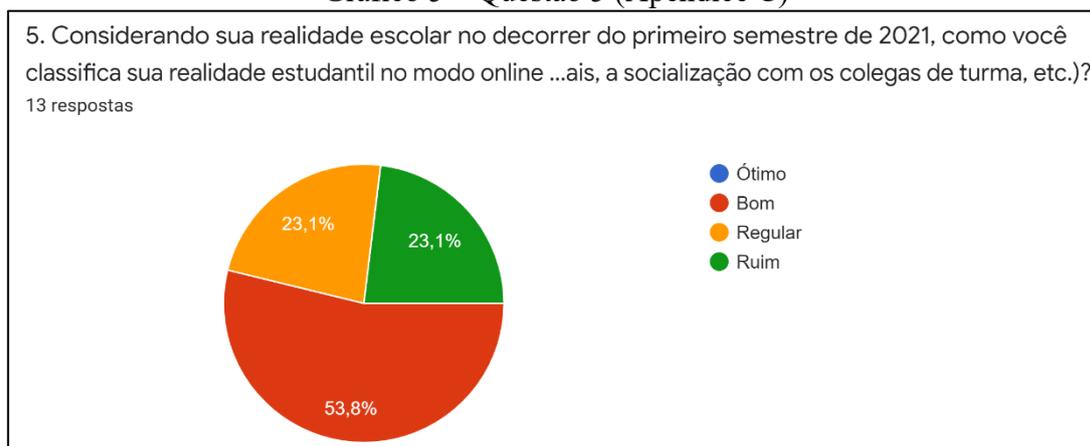
“Tenho conseguido me organizar, mas ainda é um pouco cansativo” (Relato 7)

“Muitas vezes é um pouco cansativo por conta das atividades e do tempo no qual utilizamos o celular, mais por outro lado é bom se nos organizamos fica bem mais fácil além de que vamos estar protegidos em casa .” (Relato 8)

“Tem sido cansativo, mas tem dado certo sim.” (Relato 9)

Na quinta questão foi pedido que eles classificassem sua realidade escolar no momento da pesquisa, levando em consideração os estudos individuais e as aulas remotas. Sete alunos responderam como “Bom”, três responderam como “Regular” e outros 3 como “Ruim”. A síntese das respostas é representada no gráfico seguinte:

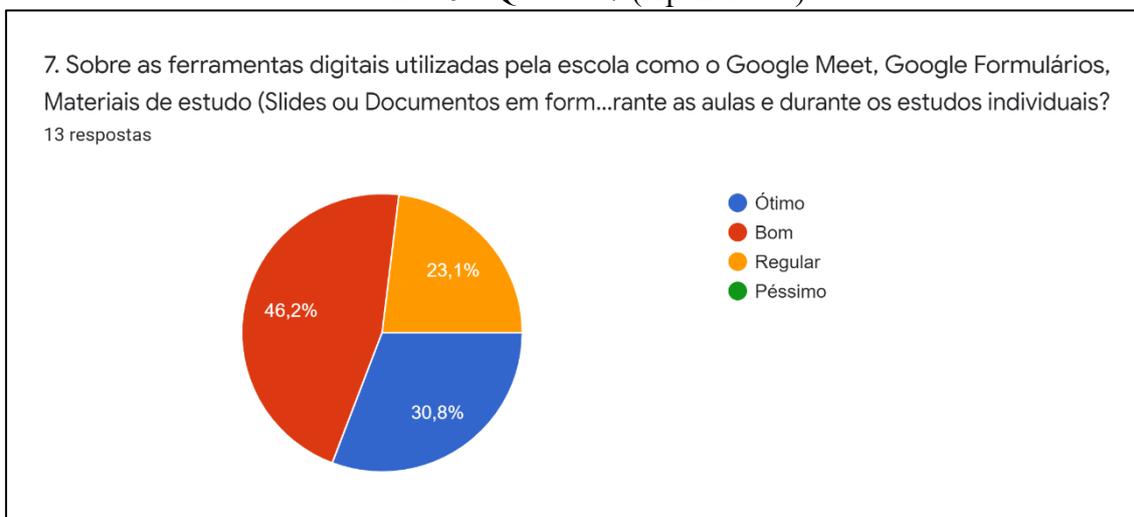
Gráfico 5 – Questão 5 (Apêndice C)



Fonte: Elaboração do Autor (2021).

Na sétima questão os alunos precisaram classificar o uso de aplicativos e de ferramentas digitais para os estudos, sejam individuais ou coletivas. Quatro alunos classificaram estes recursos como “Ótimo”, seis alunos classificaram como “Bom” e os demais classificaram como “Regular”. A representação gráfica a seguir apresenta a síntese das respostas nos auxiliando nas reflexões que serão colocadas adiante:

Gráfico 6 – Questão 7 (Apêndice C)



Fonte: Acervo do autor.

Com as respostas às duas últimas questões, é possível averiguar o que já foi exposto quanto aos fatores consequentes da pandemia que afetou diretamente o setor educacional. A pandemia causada por infecções de COVID-19 afetou o sistema público educacional a ponto de estimular mudanças radicais que alteraram a realidade do trabalho dos professores e gestores, além da rotina estudantil, tirando os alunos dos encontros presenciais, das relações estudantis e os impondo numa condição de distanciamento social.

Para alguns estudantes, a problemática foi amenizada com o acesso à recursos tecnológicos como smartphones, tablets, computadores etc. Mas é importante salientar que nem todos os alunos e alunas de escolas públicas dispõem desses aparatos tecnológicos. Algumas pesquisas mostraram que nem todos os alunos da rede pública de Fortaleza-CE possuem acesso à internet de qualidade e nem sempre dispõem de um celular ou outro equipamento com acesso à internet (Diário do Nordeste, 2021).

É preciso considerar também as condições psicológicas afetadas diante do caos estabelecido. O COVID-19 foi uma doença que em dois anos tirou a vida de centenas de brasileiros. Só no Ceará foram mais de vinte e quatro mil mortes causada por essa doença³⁸. Considerando o cenário de caos, medos e incertezas que afetaram a rotina e a cultura de todos os brasileiros, não é de impressionar que a saúde emocional de tantos brasileiros, inclusive alunos e profissionais da educação, tenham sido prejudicadas. Mesmo que a disponibilidade de recursos tecnológicos possa auxiliar os alunos e profissionais da educação, ela não soluciona a problemática posta através dos desafios que toda a sociedade passou a lidar.

A CNN Brasil divulgou uma pesquisa que estimou o abandono às escolas por mais de 172 mil alunos no Brasil no ano de 2020, ou seja: a taxa de evasão escolar aumentou para doze por cento apenas no ano referenciado³⁹. O prejuízo à educação deve causar ainda mais preocupação porque muitos dados ainda não foram quantificados e descritos. Toda a situação aponta para uma série de desafios, em que a curto, médio e longo prazo e as pesquisas educacionais e escolares precisam estar atentas quanto a esta realidade.

Diante deste cenário, como avaliar os procedimentos metodológicos escolhidos se não foi possível acompanhar os alunos como no ensino presencial? A comunicação direta e franca com os alunos é fundamental, mas nas circunstâncias vivenciadas no Estágio Supervisionado qualquer diálogo foi inviabilizado. A missão de estudar paisagens vem diante de um ambiente escolar adequado para os seus estudos. Somente depois, o aluno poderá ser convidado a conhecer o universo patrimonial que existe no mundo ao seu redor.

³⁸ Fonte: <<https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/11/30/ceara-soma-24-659-obitos-e-949-800-casos-de-covid-19.html>>. Acesso em 01 dez. 2021.

³⁹ Reportagem disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/07/21/primeiro-ano-da-pandemia-levou-172-mil-alunos-a-deixarem-a-escola-no-brasil>>. Acesso em 20 ago. 2021.

Apesar desse panorama, as respostas obtidas no último questionário indicam que alguns alunos realizaram os exercícios imagéticos propostos. Eles contemplaram e observaram as fotografias das festas Bon Odori e fizeram associações dos símbolos à dimensão espacial da Imigração Japonesa no Brasil. Por exemplo, um dos alunos associou um elemento festivo à uma representação do filme de animação longa-metragem “Enrolados”. Outro(a) comentou sobre a importância da festa no aprendizado de uma outra cultura presente no país. Estas considerações que pressupõem relações e distinções interculturais indicam um processo educacional que está se desenvolvendo dentro dos estudos geográficos. Enfatizando, outra vez, o exercício da observação, podemos valer das considerações de Cavalcanti (2006) para compreender o processo dinâmico da Geografia Escolar enfatizando o olhar e o interpretar sobre as paisagens:

A observação é seletiva; a “seleção” do que é observado depende dos instrumentos mediadores do sujeito para operar intelectualmente com a realidade, ou seja, depende dos conceitos formados. Em razão disso, é importante nessa atividade confrontar os significados (cotidianos e científicos) dados ao objeto observado. Juntamente com isso, a Geografia Escolar, por propiciar o exercício de observação do espaço vivido e percebido, pode contribuir para uma apreensão da realidade, aguçar a sensibilidade dos alunos em relação à realidade observada, desenvolver o hábito de atribuir valor ao que observam, quebrando assim uma atitude de indiferença própria do indivíduo em sociedades em que predominam práticas cotidianas alienantes. (CAVALCANTI, p. 147)

Mesmo que a imagem ofereça uma análise parcial da paisagem cultural, no ensino geográfico ela pode estimular o imaginário que conduz o observador a refletir sobre os objetos representados visualmente. Devidamente utilizadas, as imagens podem ajudar na compreensão sobre uma prática cultural advinda de terras distantes e que foram recriadas em nosso solo. Ainda que esta ferramenta não carregue toda a plenitude das festas para as nossas percepções sensoriais, elas pressupõem o começo da contemplação e do entendimento sobre os espaços pessoais e alternos de cada brasileiro.

Utilizando o Bon Odori para uma análise sobre expressões patrimoniais nipo-brasileiras, o professor pode mediar conhecimentos que desencadeiam tantas outras reflexões sobre a interculturalidade que conjuga um Brasil transformado com a chegada dos imigrantes japoneses. No mesmo sentido, outras expressões culturais podem (e precisam) ser estudadas na Geografia, sejam aquelas que já possuem uma trajetória mais consolidada no Brasil – como os imigrantes italianos, alemães e espanhóis – como aquelas que são recentes, como os imigrantes venezuelanos, haitianos e chineses. Essa preocupação é voltada para o que estudamos e entendemos sobre os estudos sobre os

espaços alternos. Servilha aponta a relevância desta temática na Geografia através dos estudos interculturais:

O ensino de geografia partiria, metodologicamente, a partir dessa reflexão, não de um caminho linear iniciado no local em direção ao global, mas da experiência para a abstração, do vivido para o imaginado, do espaço concreto vivido para o espaço concreto imaginado. [...] Entender meu lugar para depois o mundo? É possível entendermos nossos lugares como espaços separados do restante? Entendemos cada vez mais o mundo ao entendermos nosso lugar (articulado a vários lugares e escalas). Entendemos cada vez mais nosso lugar ao entendermos o mundo (e outras escalas como a regional e a nacional). (SERVILHA, 2019, p. 147)

É importante salientar que as conexões que promovam uma educação geográfica intercultural são diversas. No presente trabalho, a relação local e alterna escolhida foram, respectivamente, os espaços tradicionais de Fortaleza-CE e a festa Bon Odori de outras cidades brasileiras. Para cada caso o professor pode levantar exemplos, dentro de seus objetivos, que façam menção ao que ele deseja abordar. Eventos como a Super Amostra Nacional de Animes (SANA)⁴⁰, o Jardim Japonês (Praça da Liberdade) enquanto espaço turístico e os restaurantes especializados na gastronomia popular do Japão, presentes em Fortaleza-CE podem ser utilizados nas discussões sobre o patrimônio nipo-brasileiro que pode (ou não) estar presente na vivência dos alunos. Outras relações podem, também, ser feitas com a cultura midiática dos animes e de toda as produções do J-POP visibilizadas na televisão e na internet, como no início deste capítulo foi observado.

No ensino de Geografia, o enfoque nos estudos sobre os espaços locais tem sido a maior preocupação dos últimos tempos: anseio este que está correto. Mas os espaços culturais são expressos a partir das identidades internas e alternas. A formação humana nos lembra que o outro também é parte importante de nossas vivências e dos espaços vividos. Ensinar paisagens nipo-brasileiras a partir de uma expressão festiva oportunizou o estudo sobre tantas outras expressões culturais daqui e de lá. As festas de São João, o Maracatu, as procissões religiosas, as festas de pequeno e grande porte das igrejas evangélicas. Aumentar a escala de nossa visão cultural nos permite contemplar melhor o que a Geografia diz sobre o outro e sobre nós mesmos.

Com o estudo da expressão festiva da maior Comunidade de descendentes japoneses fora da Terra do Sol Nascente, aprendemos que o estudo das paisagens

⁴⁰ A Super Amostra Nacional de Animes (SANA) é um evento criado em 2001 pela Fundação Cultural Nipônica Brasileira que acontece anualmente em Fortaleza-CE.

patrimoniais se revela além do que vivemos à nossa volta. Há muito mais para se conhecer. Tanto aqui como lá fora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bon Odori é um dos ritos simbólicos mais marcantes das festividades tradicionais do mundo japonês. Suas representações justificam a visibilidade deste patrimônio cultural. Não foi à toa que uma breve apresentação da dança Bon Odori não pôde faltar na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão “Tokyo 2020”. Os símbolos que integram a paisagem festiva se fazem presentes em outras circunstâncias ordinárias e extraordinárias da cultura japonesa.

As festas revelam os anseios populares em suas expressões. Visualizamos essa intenção no Bon Odori Nipo-brasileiro como o resultado da fertilidade que transbordou o solo asiático e que migrou para o solo sul-americano. Vimos também que a paisagem não somente carrega as raízes da tradição como também atenta para o futuro e se transforma no espaço-tempo. Se estamos a sondar as festas Bon Odori no Brasil, sabemos, portanto, que a pesquisa paisagística está só começando.

Todos os espaços revelam patrimônios que cumprem o papel identitário e afetivo social. Proporcionar ao aluno o conhecimento dessa perspectiva é concedê-lo um novo olhar para os espaços ao seu redor. Todavia não podemos esquecer que a metodologia educacional precisa considerar o entendimento do público-alvo sobre o assunto. Ao saber do que os alunos conhecem sobre o “mundo japonês”, o professor inicia a discussão considerando os aspectos inerentes à realidade do espaço vivido por eles. O enfoque só pode mudar dos espaços vividos para os espaços alternos mediante uma metodologia segura, capaz de fazer correlações que permitam aos alunos começarem a compreender o mundo geográfico globalizado e intercultural que estamos inseridos.

Foi visto também que o cuidado com a leitura das imagens oportunizou relatos descritivos e críticos sobre aquilo que se vê e sobre a temática que se aborda em sala de aula. Desde a ausência de luz até as tantas cores visíveis aos nossos olhos, as imagens são poderosas mensagens sobre o mundo que estamos a conhecer e a compreender. Por outro lado, a função da imagem precisa estar articulada na comunicação com o professor e conectada a todo o aparato educacional.

Este trabalho concorda com o argumento de Samain (2012) quando ele afirma que é impossível “pensar a imagem se não a situarmos no sistema no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a fez, aquele que a contempla, num tempo e num espaço históricos e a-históricos.” (SAMAIN, 2012, p. 34).

Ou seja, apresentar uma imagem no intuito de simplesmente tratá-la como imagem não garante o entendimento do aluno sobre a temática na qual se propõe.

Imaginemos um professor em sala de aula exibindo figuras que representam uma das festas Bon Odori no Brasil. Nesta circunstância ele não descreve a imagem, nem pergunta aos alunos o que eles veem. Os slides, os cartazes ou as páginas do livro didático estão em modo de exibição. Aparentemente o método escolhido pelo professor está funcionando. Afinal, se todos os alunos estão vendo as imagens, o que poderia dar errado?

Por outro lado, será que a leitura da imagem está sendo associada às falas do professor? Aliás, será que o aluno está acompanhando esta aula? Eles continuam concentrados ou estão divagando em assuntos à parte? Se for o caso de um ambiente onde as luzes estão apagadas para apresentar slides em um projetor, fica a pergunta: a aula foi excelente ou foi um mero convite para uma soneca? São alguns exemplos para frisarmos que nem sempre o uso de tantas informações e recursos será eficaz para transmitir o objetivo pretendido. Uma imagem, por exemplo, já pode significar muito para o assunto que está sendo apresentado. Quem dirá a apresentação de tantas imagens e vídeos compridos desconectados dos objetivos pautados no projeto de ensino.

De modo nenhum, o presente trabalho tenta desmerecer o professor que adota novos recursos e métodos para a educação geográfica. Aliás, o universo escolar saúda essas estratégias. Mas todos os recursos devem ser pensados para a realidade escolar. Em alguns momentos, a lousa e o pincel serão os únicos recursos que o professor vai precisar para uma aula de sobre formações do relevo. Noutros momentos, os slides e/ou vídeos serão recursos eficazes. Nossa preocupação é sobretudo com a escolha responsável, coerente e potencializadora dos recursos escolhidos pelo professor, que articule a educação geográfica com recursos potencializadores do aprendizado.

Os estudos paisagísticos oportunizam uma compreensão cultural que alarga os horizontes das percepções. Na medida em que se percebe o patrimônio simbólico de outros povos, o aluno torna a compreender o significado de pluralidade étnica, cultural e social. E assim as paisagens vão guardando as memórias identitárias dos lugares, das materialidades, dos símbolos e de tudo aquilo que diz respeito a nossa história e à identidade coletiva e individual.

REFERÊNCIAS

- AIHARA, Maria do Socorro Michiko. **Paisagens nipo-brasileiras na cidade de Tomé-Açu - PA**: estudo antropológico das memórias da família onuma. 2008. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3037>>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, Paisagens e Patrimônio Cultural: reflexões desde o brasil central. **Espaço e Geografia**, Brasília, v. 16, p. 417-440, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/view/261/188>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Fronteiras da Globalização**: o mundo natural e o espaço humanizado. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016. 348 p.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- ANDREOTTI, GIULIANA. **Paisagens culturais**. Curitiba, Editora UFPR, 2013.
- ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em assaí por meio de túmulos (1932 ? 1950). 2011. 252 f. Tese (Doutorado) - Curso de História e Sociedade, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103153>>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami *et al.* **Haine (Raízes)**: expansão da comunidade nikkei nos 100 anos de presença no brasil. Curitiba: Associação Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba, 2008. 2 v.
- CARVALHO, Juliana; ARAGÃO, Isabella. Infografia: conceito e prática. Infodesign - Revista Brasileira de Design da Informação, v. 9, n. 3, p. 160-177, 7 maio 2013. Sociedade Brasileira de Design da Informacao. Disponível em: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/136>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2006. 192 p.
- DIÁRIO DO NORDESTE. “Ninguém aguenta mais aula online”: professores e alunos de Fortaleza relatam ansiedade por retorno. Disponível em <<https://bit.ly/3k2j67I>>. Acesso em 19 ago. 2021.
- GARCIA, Rafael Mariano. **O Corpo na arte do Taiko contemporâneo**. 2020. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso em Artes da Cena, Instituto de Artes, Universidade

- Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/359543>>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- GEERAERT, Amélie. Obon: the japanese tradition of visiting the graves of ancestors. the Japanese Tradition of Visiting the Graves of Ancestors. 2020. **Kokoro Media**. Disponível em: <https://kokoro-jp.com/culture/380/>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- GOMES, Vitor Arraes. Nos passos do Bon-Odori: representações sócio-históricas japonesas, cultura nikkey e sociedade nipo-brasileira. **Revista Aurora**, Marília, v. 13, n. 1, p. 77-98, 22 mar. 2021. Faculdade de Filosofia e Ciências. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/10315>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- JORNAL A TARDE. Cultura japonesa marca presença na Bahia. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3giajxn>>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- KUBOTA, Nádia Fujiko Luna. **Bon Odori e Sobá**: as obasan na transmissão das tradições japonesas em campo grande - ms. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais - Ffc, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86648>> Acesso em: 05 jan. 2020.
- LEDUR, Josiana Ayala. **Práticas corporais na colônia japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 à década de 2010)**. 2017. 136 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/168873>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- LUIZ, L. H.; ANDRÉ, R. G. O retorno dos ancestrais: bon odori e ritos mortuários no templo budista honpa honganji em londrina. **Antíteses**, Londrina, Pr, v. 11, n. 22, p. 795, 30 jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3r6fx3w>>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- MARANDOLA, H. Leonardo.; OLIVEIRA, Livia de. Origens da paisagem em Augustin Berque: pensamento paisageiro e pensamento da paisagem. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 139-148, 01 fev. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13140>>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- NOVAES, André Reyes. Uma Geografia Visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 6-18, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/4949/3655>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- OLIVEIRA, C. D.; LIMA, F. J. L. A. P.; CARNERO, I. T. A. Representações do patrimônio na Geografia escolar: o imaginário da festa religiosa cearense no ensino médio. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 3, p. 127-142, 06 mar. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/12497>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

- ROCHA, Marcos da Silva. **A paisagem religiosa dos totens católicos: dinâmicas turístico-devocionais, simbólicas e virtuais** (ce-pb-rn). 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35376>>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- ROSE, Gillian. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a Geografia é “visual”? **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 33, p. 197-206, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8473>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018. 295 p.
- SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007. 468 p.
- SAMAIN, Etienne. Etienne Samain: as imagens não são bolas de sinuca. como pensam as imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012. Cap. 1. p. 21-36. Disponível em: <<https://shorturl.at/jktvL>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- SIQUEIRA, Ana Raquel Viana. **A resignificação da cultura pop japonesa em Fortaleza: sentidos e significados de ser um otaku**. 2009. 126 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<https://cienciassociais.ufc.br/wp-content/uploads/2017/05/2009-ana-siqueira.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no brasil**. São Paulo: Hucitec, 1992. Disponível em: <<https://bit.ly/36z0Dct>> . Acesso em: 13 jul. 2021.
- TAKEUCHI, Márcia Yumi. **Imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas: preconceito e imaginário social (1897=1945)**. São Paulo: Edusp Fapesp, 2016. 472 p. (História das migrações).
- UENO, Luana Martina Magalhães. O duplo perigo amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908-1934). **Estudos Japoneses**, São Paulo. n. 41. 2019. p. 101-115. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/article/download/170435/160997/410409>>. Acesso em: 31 dez. 2021.
- UNESCO. **Textos base: convenção de 2003 para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Brasília: Unesco, 2014. 99 p.
- WIK, Theres. **Dancing Gods at Godless Festivals: an introduction to the phenomenon of japanese dance yosakoi through a comparative analysis of three yosakoi performances with the theme princess kaguya**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Japanese Studies, Department Of Asian, Middle Eastern And Turkish Studies, Stockholms Universitet, Estocolmo, 2016.

APÊNDICE A
1º QUESTIONÁRIO
ATIVIDADE DE SONDAÇÃO⁴¹

1. SEÇÃO 1 DE 3

1.1 Nome Completo:

1.2 Idade

1.3 Turma de 1º Ano:

a) Turma A

b) Turma B

1.4 Você mora em Fortaleza-CE?

a) Sim

b) Não

1.5 Caso você não more em Fortaleza, em qual cidade você está vivendo atualmente?

a) Há menos de 1 ano

b) Há mais de 2 anos

c) Há mais de 5 anos

d) Eu sempre morei em Fortaleza

1.6 [PARA QUEM MORA EM FORTALEZA-CE] Há quanto tempo você mora em Fortaleza?

1.7 [PARA QUEM MORA EM FORTALEZA-CE] Além de Fortaleza-CE, qual foi a cidade onde você viveu grande parte de sua vida? (Exemplo: Eu moro em Fortaleza mas vivi por muitos anos em Quixeramobim-CE). (Observação: para os que sempre moraram em Fortaleza, não precisam responder a esta pergunta).

2 SEÇÃO 2 DE 3

2.1 Apresentamos a seguir fotografias de algumas paisagens de Fortaleza-CE. Assinale quais destas você já viu ou se já conheceu:

a) Paisagem 1

⁴¹ Os dois questionários foram apresentados e respondidos através do serviço de Formulários do Google.



Fonte: O Povo Online. Disponível em:
 <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/04/18/qual-a-influencia-do-estilo-gotico-da-catedral-de-notre-dame-na-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

b) Paisagem 2



Fonte: Fortaleza Nobre. Acesso em:
 <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/05/excelsior-hotel.html>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

c) Paisagem 3



Fonte: Fortaleza Nobre. Acesso em:
 <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/11/teatro-jose-de-alencar.html>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

d) Paisagem 4



Fonte: Partiu Feriado. Disponível em: <https://partiuferiado.com.br/atracoes/santuario-nossa-senhora-de-fatima-em-fortaleza-ceara/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

e) Paisagem 5



Fonte: Diário do Nordeste. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ideia-vencedora-quer-unir-o-parque-do-coco-e-a-cidade-de-fortaleza-1.1858895>. Acesso em: 26 jul. 2021.

f) Não conheço nenhuma destas paisagens

2.2 Caso você tenha morado ou more em outra cidade, você poderia mencionar o nome de 3 paisagens naturais ou construções antigas dessa cidade? (Observação: caso só lembre de 1 ou 2 lugares, não tem problema, pode mencionar só estes. Mas caso você não lembre ou não saiba de nenhum, é só responder "Não me lembro de nenhuma paisagem natural ou prédios históricos")

2.3 A seguir existem algumas fotografias de diferentes festividades de Fortaleza. Por favor, assinale quais destas festividades você já participou ou se já ouviu falar:

a) Paisagem 1



Fonte: O Povo Online. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/08/caminhada-com-maria-deve-reunir-cerca-de-2-milhoes-de-fieis-na-capital.html>. Acesso em: 26 jul. 2021.

b) Paisagem 2



Fonte: Prefeitura de Fortaleza. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-divulga-resultado-final-do-edital-de-apoio-ao-desfile-de-carnaval-da-avenida-domingos-olimpio>. Acesso em: 26 jul. 2021.

c) Paisagem 3



Fonte: Sou Fortaleza. Disponível em: <https://www.soufortaleza.com/noticias-do-fortaleza/ceara-x-fortaleza-veja-quem-leva-a-melhor-no-historico-do-classico-rei-2/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

d) Paisagem 4



Fonte: Prefeitura de Fortaleza. Disponível em:

<<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/reveillon-de-fortaleza-2020-reune-mais-de-1-2-milhao-de-pessoas-no-aterro-da-praia-de-iracema>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

e) Não conheço nenhuma dessas festividades.

2.4 Caso você já morou ou mora fora de Fortaleza-CE, você lembra de 2 festas populares conhecidas nessa cidade? Se sim, mencione quais são essas festas:

3. SEÇÃO 3 DE 3

3.1 Na sua opinião, existe alguma relação entre Geografia e Festas? (Nos referimos a qualquer tipo de festa: religiosa, cívica, carnavalesca etc)

- a) Sim
- b) Não
- c) Não tenho certeza

3.2 Sobre estudar culturas na disciplina de Geografia, qual dessas frases mais se adequa ao que você acha:

- a) Sim, penso que estudar culturas na Geografia pode ser muito importante.
- b) Eu não sei, mas estou curiosa(o) em saber quais relações podem existir entre Geografia e Cultura.
- c) Eu não sei, mas será mesmo necessário estudar cultura? Penso que na Geografia existem outros assuntos mais importantes que cultura.
- d) Não, não vejo relação da geografia com a cultura.

3.3 Observe a fotografia a seguir. Na sua opinião, a partir do que você vê nesta imagem, qual seria o país (ou os países) onde essa festa acontece?



Fonte: Prefeitura da Estância de Atibaia. Disponível em: <http://www.prefeituradeatibaia.com.br/noticia/bon-odori-e-sucesso-de-publico-na-praca-da-matriz/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

- a) Somente no Japão
- b) Somente no Brasil
- c) Tanto no Brasil como no Japão

3.4 Na sua opinião, o Brasil pode ter festividades que podem ser parte da cultura de outros países (Exemplo: uma festa italiana no Brasil)? Se você acha que é possível, qual seriam os motivos pra que essas festas estejam acontecendo no país onde vivemos?

APÊNDICE B
2º QUESTIONÁRIO

Atividade: Geografias e Paisagens Culturais

SEÇÃO 1 DE 2

1. Vimos que existem diferentes tipos de paisagens geográficas. A paisagem cultural, por exemplo, analisa as marcas da ação humana no espaço e no tempo. E como tais paisagens são repletas de valores sociais e históricos, elas também são consideradas um exemplo de Patrimônio Cultural, Sendo assim, mencione dois exemplos de construções históricas e dois exemplos de manifestações culturais que estão no Brasil mas não possuem a mesma popularidade que tem o Carnaval Carioca, a Praça da Sé em São Paulo, a Beira-Mar de Fortaleza. Uma dica: pense nos lugares que mais chamou a sua atenção em suas viagens ou em seus percursos pelo Ceará. Fiquem à vontade para explicar os exemplos.
2. Ao chegar num novo território, o imigrante lida com paisagens bem diferente do seu lugar de origem. Mesmo assim, a cultura do imigrante pode transformar a paisagem cultural de outros lugares. A dança e a festa do Bon Odori são exemplos da constante mudança cultural brasileira com a formação da comunidade nipo-brasileira (os descendentes de imigrantes japoneses). À respeito da nossa relação com a cultura, assinale a opção que você pensa ser a mais correta:
 - a) Os nossos costumes culturais sempre serão os mesmos em qualquer lugar. Portanto, nossas práticas cultural nunca mudam.
 - b) Nossa cultura sempre muda, pois sempre vamos assumir uma nova identidade em cada lugar que chegarmos.
 - c) Deste modo, nossos costumes podem mudar, podem se adaptar ao meio onde estamos inseridos. Porém nossos hábitos culturais podem se manter resistentes com o passar do tempo, pois cada um de nós tem sua própria identidade cultural.
3. Qual a importância de preservar um patrimônio cultural (como um teatro antigo, uma igreja, uma festa religiosa, um monumento etc.)? Assinale a alternativa que seja a mais correta:
 - a) A importância consiste em valorizar e preservar os ambientes físicos e as práticas imateriais que são carregadas de valores, significados, carregando em si a história de civilizações, populações e grupos sociais.

- b) A importância consiste somente em movimentar o turismo, ou seja, agradar os visitantes turistas com cenários, comidas, músicas e outros atrativos culturais.
 - c) A importância consiste em não alterar nada dos espaços nem alterar as tradições culturais. Por exemplo, um prédio histórico não pode ser restaurado, assim como uma festa popular protegida deverá ser a mesma na sua forma de realizar a festa.
4. Contemplando as fotos e vídeos da página "Bon Odori Brasil" no Instagram, quais elementos visuais existem em comum nessas fotos? O que você achou dessa festa de raízes japonesas celebradas no Brasil?

SEÇÃO 2 DE 2

5. Considerando sua realidade escolar no decorrer do primeiro semestre de 2021, como você classifica sua realidade estudantil no modo online (as aulas, os estudos individuais, a socialização com os colegas de turma, etc.)
- a) Ótimo
 - b) Bom
 - c) Regular
 - d) Ruim
6. Como tem sido estudar no modo remoto/online? Compartilhe um pouco pra nós de sua experiência enquanto estudante num período de pandemia. Tem dado certo, tem sido legal ou tem sido cansativo? (Pergunta não obrigatória).
7. Sobre as ferramentas digitais utilizadas pela escola como o Google Meet, Google Formulários, Materiais de estudo (Slides ou Documentos em formato PDF): como você classifica o uso diário dessas ferramentas nas interações com os professores e colegas durante as aulas e durante os estudos individuais?
- a) Ótimo
 - b) Bom
 - c) Regular
 - d) Péssimo
8. As fotos, vídeos e textos na página "Bon Odori Brasil" no Instagram facilitou sua compreensão sobre as paisagens e a relação da Geografia com o Patrimônio Cultural?
- a) Sim
 - b) Não
9. Considerando o material digital que você conferiu na página "Bon Odori Brasil" (Fotos, Vídeos e Textos), você acha que conteúdos educativos em aplicativos ou sites

virtuais podem ser excelentes ferramentas educacionais? Você já utilizou essas ferramentas para seus próprios estudos (exemplo: Instagram, YouTube, Facebook, Kahoot etc)?

10. Na sua opinião, é importante estudarmos sobre as manifestações culturais presentes além da nossa cidade e do nosso país? Justifique:
11. Para encerrar: Deixo esse espaço para que você possa comentar o que achou das aulas, do material e das atividades feitas sobre Geografia e Cultura. Ficou alguma dúvida quanto ao que estudamos sobre este assunto? Houve uma compreensão melhor sobre a temática? O que você achou das atividades promovidas pelo professor estagiário?

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO IV
E.E.M.T.I. RENATO BRAGA
KEVIN TORRES FERREIRA

PLANO DE AULA⁴²

Tema: Paisagens Culturais (Espaço Geográfico: Um espaço de Lugares e paisagens)

Estratégia de ensino: [X] Síncrona(s) [] Assíncrona [] Mistas

Estratégia de Aprendizagem: [] Síncrona [X] Assíncrona [] Mistas

Público-alvo: 1º ano do Ensino Médio

Título: Paisagens Geográficas a partir da cultura: o que as festas nipo-brasileiras podem nos ensinar?

Objetivos:

GERAL:

- Caracterizar o conceito de paisagem geográfica a partir das manifestações do patrimônio imaterial considerando ritos festivos do Obon japonês e o festival Bon Odori no Brasil.

ESPECÍFICOS:

1. Abordar o conceito de paisagem na Geografia considerando exemplos do patrimônio local (Fortaleza-CE), tanto material como imaterial.
2. Justificar a proximidade cultural do Japão com o Brasil através da caracterização geográfica, histórica e cultural do Festival Obon no Japão e o Bon Odori no Brasil.
3. Demonstrar, a partir de fotografias e vídeos da festa Bon Odori, elementos que compõem a paisagem da festa Nipo-Brasileira e representá-los em mapa cognitivo.

Estratégias facilitadoras da aprendizagem:

⁴² O presente documento possui vínculo com o exercício do 4º Estágio Supervisionado de Geografia do curso de Licenciatura de Geografia da UFC.

1. Apresentação de slide (material norteador) com fotografias e vídeos que demonstram a festa e a temática que se apresenta.
2. Introduzir a aula dialogando com os alunos sobre o patrimônio dos espaços vividos em Fortaleza-CE e, posteriormente, aumentando a escala territorial para Brasil para dialogar sobre o Bon Odori.
3. Apresentar a metodologia do mapa cognitivo como forma didática de verificar quais conceitos e relações da cultura festiva nipo-brasileiro cada aluno entendeu a partir das fotos e da aula.

Avaliação:

- Elaboração de mapa cognitivo
- Atividades de perguntas e respostas pelo Google Forms.

Recursos Didáticos:

- Banco de dados virtual com fotografias sobre a Festa Bon Odori como patrimônio (Instagram).
- Vídeo institucional “Bon Odori de Goiás 2019” (Facebook / YouTube)
- Atividades para serem respondidas no ambiente virtual (Google Formulários)

Professor responsável:

- a) Kevin Torres Ferreira (UFC - Estagiário E.E.M.T.I. Renato Braga)

Professores supervisores:

- Profa. Dra. Maria Edivani Barbosa (UFC – Estágio IV)
- Prof. Me. José Bruno Fernandes (Professor efetivo - E.E.M.T.I.)
- Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (UFC – Trabalho de Conclusão de Licenciatura)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Fronteiras da Globalização: o mundo natural e o espaço humanizado**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016. 348 p.

KUBOTA, Nádja Fujiko Luna. **Bon Odori e Sobá: as obasan na transmissão das tradições japonesas em campo grande** - ms. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais - Ffc, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São

Paulo, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/86648>>. Acesso em: 05 jan. 2020

LUIZ, Leonardo Henrique; ANDRÉ, Richard Gonçalves. **O retorno dos ancestrais: bon odori e ritos mortuários no templo budista honpa honganji em londrina**. Antíteses, Londrina, v. 11, p. 795-820, dez. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2018v11n22p795>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

OKADA, Alexandra. **Cartografia cognitiva: mapas cognitivos para pesquisa, aprendizagem e formação docente**. Cuiabá: KCM, 2008.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Festas Populares Religiosas e Suas Dinâmicas Espaciais** (popular religious festivities and their spatial dynamics). Mercator, Fortaleza, v. 6, n.

SILVA, José Junio da. **Imigrantes japoneses e seus descendentes em Uraí, Paraná: reconfigurações de identidades culturais (1936-2018)**. 2019. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/64522>>. Acesso em: 05 jan. 2021.